

dera; que os homens, huns nasceraõ para huma cousa, outros para outra, e que a felicidade desta vida consiste em cada hum de nós saber eleger estado mais conforme cada hum ao seu talento, e continuar naquelle, que escolheo.

Nascem alguns para dignidades medianas, Togadas, ou Militares, e não ha mayor perigo para estes, que

Diversos diversa juvant, non omnibus una,

Omnia conveniunt: res prius apta nocet

Galba se acreditou de sabio em os governos particulares, e no summo Imperio sabio ignorantissimo. Tito, pelo contrario, em a baixa fortuna pareceo pernicioso a Republica, e exaltado ao Solio, pareceo enviado do Ceo. Aquelle parecia digno de reynar, se não houvesse reynado, este não pareceo digno de reynar, se não quando reynou; porque aquelle, como tinha huma virtude limitada, não podia soffrer huma grande machina; este, como tinha hum animo augusto, não podia soffrer huma fortuna estreita. Muitas destas experiencias vemos com os olhos, e topamos cada dia com as mãos. Quantos por falta de modestia vemos em cargos superiores à sua capacidade; que se houveraõ ficado nos menores, e elegido estado adequado a seu talento, nem elles foraõ mal reputados, nem o Reyno mal servido.

Ministro, que tens mediana virtude, não pertendas o premio devido às grandes. Se es modesto, não queiras ser magnanimo. Conhece o teu talento; porque he prudencia, afirma São Jeronymo, conhecer cada hum a sua sufficiencia: *Prudentis bo-*

Qui sua metitur pondera ferre potest.

Crede mihi bene qui latuit, bene vixit, & intra

Fortunam debet quisque manere suam.

Concluimos, que a virtude da modestia he muy precisa, e necessaria

levalllos às sublimes. Tal será bom para Senador, e não para Presidente; outro será bom para Tribuno, e não para Imperador; porque sua cabeça não está porporcionada em tanta altura, nem o seu talento sobe tanto de preço; e por isso disse o Poeta Wem, que não convinha a todos todas as cousas, mas que os diversos genios pediaõ cousas diversas:

minis est noscere mensuram suam. Usa delle nas occupaçoens, que lhe correspondem, e lograrás muy iguais os successos aos teus desejos; olha não queiras que te succeda o mesmo, que a Galba, que foy levantado ao Solio com publico alvoroço, e com publico alvoroço foy morto. Não te persuadas, que por teres talento para satisfazer a huma obrigação pequena, poderás satisfazer às obrigaçoens grandes. Olha os muitos, que hão cahido, porque subiraõ aonde não deviaõ. Contentate com as honras do meyo, não pelo temor da cahida, se não porque he cousa honesta, e decente, que a honra se mida pelo merecimento proprio, e este pela virtude. Olha para as dignidades, para as insignias, e tudo o mais, e olha para ti, e para o teu talento; e se vires, que te sobrepezaõ, dize francamente. *Naõ são para mim, não podem os meus hombros com tamanha carga, não sobe a tanto o meu merecimento; busquem-se os magnanimos, porque só póde com seu trabalho quem primeiro o mede:*

para todos; como ensina São Paulo I. *ad Corinth.*, e precisa para os ministros,

nistros, pois em cada hum, por força desta virtude conhecer o seu talento, consiste não só a sua conservação, mas a faude do Povo. Veja-se o que fica dito na Lição dos Offícios publicos.

L I Ç A M X.

Sobre a Soberba.

Escrive o grande *Aristoteles* no *livro 7.º das Ethicas* cap. 14, que não convem sómente declarar as virtudes, mas que he tambem necessario dar a conhecer os vicios; aquellas para se buscarem, e estes para se fugirem. Nem são menos eloquentes em se persuadirem, q' os vicios em persuadirem as virtudes. Não ha Rhetorica mais eloquente para persuadir o amor das virtudes, diz *Bralmio*, que a fealdade dos vicios: *Cognitione turpium vehementius amantur honesta*. Para conhecer a excellencia das luzes, basta ver a fealdade das trevas. Não ha lingua, que com tanta valentia pondere o bem de huma perfeita faude, como o rigor de huma larga enfermidade. Nas passadas Lições persuadimos com estylo tosco, com linguagem grosseira as virtudes da magnanimidade, e modestia; na presente será todo o nosso empenho em despersuadir-mos o detestavel vicio da Soberba, inimigo o mais declarado destas virtudes, que esperamos fiquem nesta Lição tanto mais encarecidas, quanto mais examinados os defeitos deste vicio; porque hum contrario à vista de outro mais se realça, como ensina *Aristoteles*: *Contraria juxta se posita magis illucescunt*.

Definile a Soberba: *Hum appetite de perversa grandeza*, segundo *Santo Agostinho*; ou: *Hum amor da propria excellencia*, segundo *Hugo*; ou: *Hum desordenado desejo de excellencia, a quem se deve honra, e reverencia*, conforme *Santo Thomás*; ou: *Huma elevação viciosa, que desprezando os inferiores,*

pretende dominar não só os iguais, mas ainda os superiores, segundo *Hugo*. Este he aquelle vicio, que, segundo *São Jeronymo a São Marcos*, he a *raiz de todos os males, Rey de todos os vicios, e principio de todos os peccados*. Este he aquelle, que, conforme *Innocencio de utilitate conditionis humane*, destruiu a Torre de Babilonia, confundio as linguas, enforcou *Amão*, matou *Nicanor*, opprimio a *Antiocho*, affogou *Pharaó*, e desfez a *Senacherib*. Este aquelle vicio, que, segundo *Cassiodoro Psalm. 147.* he a *fonte de todas as maldades, vea das iniquidades, pay de todos os vicios*, o que privou ao homem da bemaventurança concedida, o que fez dos melmos Anjos diabos. Este aquelle vicio, que, segundo *Sullustio nas guerras de Jugurtha*, he: *Cominum mal da Nobreza*; e segundo *Paulo Jovio no lib. 1.* he: *Inseparavel companheiro das riquezas*. Este aquelle vicio finalmente, que, conforme *Hugo lib. 1. da Alma*, faz guerra a todas as virtudes do animo, e como geral, e pestilente enfermidade as corrompe todas. Cada hum dos vicios se arma contra sua virtude. A ira faz guerra à paciencia, a luxuria à castidade, a avareza à liberdade, a perguica a diligencia, a ingratitude ao agradecimento.

Mas este disforme vicio se poem por si só em campo contra todas as virtudes; a paciencia infama de soffrida, a castidade de grosseira, a liberdade de prodiga, a diligencia de ambiciosa, ao agradecimento de humilde; e o que mais he, que não podendo haver peccado, nem vicio em que não vá virtualmente inclusa a soberba, como escreve *Santo Agostinho na carta a Dificoro*, e *São Bernardo Sermão 27.º ad sororem*; e amando-se os vicios regularmente huns aos outros, o vicio soberbo aborrece aos outros, segundo *Innocencio* a traz allegado; porque nem permite mayores, nem consente igualdades; a todos tem por inferiores,

feriores, porque a todos se julga superior; e por esta razão chamou Santo Agostinho à soberba Rainha de todos os vícios pela superioridade, que tem sobre todos: *Superbia regina vitiorum.*

Mas este disforme vicio, se por si só em campo se oppoem contra todas as virtudes, a paciência infama de sofrida, a castidade de grosseira, a liberalidade de prodiga, a diligencia de ambiciosa, ao agradecimento de humilde, também fica vencido, e abatido pela virtude da magnanimidade, e modestia, e humildade, a quem este vicio se oppoem mais propriamente. O magnanimo já mais se jacta daquillo que não tem, o modesto com o que tem se contenta, o humilde nem o que goza publica: porque sabe que não ha cousa mais disforme, que ter cada hum pregoeiro de si mesmo, porque a este chama Aristóteles jactancioso, principalmente quando a almoeda he falsa: *Aliena tanquam propria narrare jactantia est;* porém o soberbo não haverá cousa, que não attribua

Omnibus inuisa est stolidæ jactantia mentis;

Dum de te loqueris, gloria tua nulla est.

E por isso aconselha Cicero, que de nós outros nem bem, nem mal, devemos fallar: *In neutram partem de no-*

Omnibus in triviis recitans, tua carmina laudas;

Si vis ut laudem, disce tacere prius.

Porém o soberbo se occupa de forte em ser o pregoeiro de seus louvores, que não ha nenhum, que não faça proprio com jactancia, que he huma fantasia com que se promete o soberbo mayores as cousas, do que em si são. Vicio he este tão inseparavel da soberba, que não se achará soberbo, que não seja jactancioso, sem advertir, que conta *Brus. lib. 3.*, que Aristóteles advertia aos seus discipulos, que nem se louvassem a si, nem vituperassem aos outros, porque o primeiro era vaidancia

a si com arrogancia, que he hum movimento do animo, com que se move o soberbo a jactar-se do que não tem. Vicio he este, que senão acha senão em hum soberbo, que sem advertir, que não ha cousa, que mais diminua o credito do louvor, que a continua jactancia dos successos, faz de cada hum dia do anno venda de hum só dia, como disse *Valerio Maximo lib. 2.*

O magnanimo, o honesto, e o humilde já mais porão em praça nem ainda os verdadeiros louvores de suas virtudes; porque sabem, que o mayor dos sabios escreveu no *cap. 27. dos Proverbios*, que os louvores devem sahir de boca alheia, e não de propria, de beigos alheios, e não de propios; o que diz *Boccio lib. 1. de Consolatione*, que de algum modo diminue o segredo da consciencia o que recebe o preço da fama, fazendo ostentação de suas obras, e que o louvor em boca propria he aborrecido de todos, como cantou Wem:

bis loquendum est; e o Poeta Wem ensina, que o que quizer merecer louvor, fuja de louvar-se a si proprio:

tua carmina laudas;

disce tacere prius.

de, o segundo loucura.

O magnanimo, o honesto, o humilde, ainda que mereção muito, e pertendaõ os premios, regulados pela sua capacidade, talento, e merccimento, será sem ancia, porque sabem, que a ambição distribue hoje as honras aos Magistrados (desprezados os dignos) entre os indignos; como escreve *Patricio lib. 6. de Republica*, e Santo Agostinho, que afirma, que a ambição possui o premio das virtudes: *Ambitio possedit omnium virtutum prae-*

miu.

PALESTRA III. LIÇAM X. SOBRE A SOBERBA.

mium. Appetecem sem ambição, porque sabem, que he a ambição tanto mais perniciosa, quanto mais branda, e conciliadora das honras, e que a muitos fez criminosos, a quem nenhuma vida contentava, a quem não pôde nunca mover a luxuria, subverter a avareza; porque tem a ambição astucia para mostrar as graças, que tem as dignidades por fóra, e para esconder os perigos, que tem as dignidades por dentro; e para fazer que o ambicioso primeiro sirva para ser servido, primeiro a joelhe com o pezo dos obsequios, para depois se levantar com a vaidade das honras; e para obrar, que se faça mais humilde o que pretende ser mais soberano. Porém o soberbo pretende com ancia, porque conhece, que não são hoje as honras premios das virtudes, mas roubos dos vicios; e com ambição, porque sabe, que a ambição leva hoje todos os premios às virtudes. Vicio he este tão fiel companheiro da soberba, que mais facil se achará o mar sem aguas, a Arabia sem areas, o Sol sem luzes, a noite sem sombras, que sem ambição o soberbo; e como he proprio do ambicioso ser inquieto, turbulento, e rixoso, sempre busca causas com que cresça, com que se levante, e com que nas honras vença a todos; e daqui nasce, que o soberbo, e ambicioso procura com todas as forças conseguir com crueldades, o que não pôde alcançar com clemencias, como escreve *Pedro Gregorio lib. 7. de Republica*, e semear discordias cada huma em seu genero; porque não sofre ficar dentro das balizas do seu lugar, mas appetite mais largos limites, que abranjaão a opprimir a todos; porque não tem sofrimento para ver a gloria por outros repartida, sem advertir, que huma natureza soberbamente ambiciosa, não ajusta bem com o imperio; porque no governo não pôde acontecer cousa, que mais o perturbe, que a gloria de hum impedir a do outro.

O magnanimo, o honesto, o humilde, a desigual fortuna fazem igual cara, porque só curaão de pezar os movimentos de suas almas; e como em tudo achem igual balança, se resolvem com summa serenidade ao que for vontade de Deos, porque os virtuosos em qualquer fortuna tem igual animo; nem se levantaão com a prospera, nem se atemorizaão com a adversa. De maneira, que parece que não tem sobre elles dominio a fortuna. Porém o soberbo na prospera se embebeda de maneira, que tem para si, que he tal a sua virtude, tamanho o seu merecimento, que não só lhe meterá em casa as felicidades, que o desvanecaão de presente, mas que lhe trará ainda maiores, que considera se lhe devem de justiça de futuro; e assim nem sabe usar della, nem viver com ella; porque com ella se desvanece todo, fazendo torres de vento, que excedem os cumes dos mais altos montes, sem advertir, que diz Seneca, que de nenhuma fortuna se deve fiar menos, e nenhuma recear mais, que a prospera; *Nulli fortunæ minus bene, quam optimæ credendum.* Já fórma arvores de sua geraçãõ, que começaão desde Adão, e sua copa excede os muros de Babel, e sustenta nella ao mesmo Nembróth, sem considerar, que os nobres nunca fazem ostentaçãõ de sua linhagem, senão de sua virtude, e que os homens, que o não são, trataão de supprir a falta de sua nobreza com fazer gala della; imaginando, que he certo que del Rey a baixo nenhum o excede em nobreza, e ainda se El Rey tirara a Coroa, duvidara se he mayor, sem considerar, que se hoje he caudaloso rio, hontem foy hum pobre arroyo, cuidando, que faz merce a este, e a outro cortezia em dizer: *Guarde-vos Deos irmão*, sem considerar, que não he nobre o que não he cortez. Julgando-se formado de illustrissima materia, qual he hum pedaço de Ceo, e os de mais de agua, e pó, como sapos, propria

pria condicão das riquezas, fazem aos homẽs desvanecidos, enthronizando-se sobre as espheras celestes, como sentio Erasmo: *Magnæ divitiæ solent possessori conciliare fastum super Solem*, sem considerar o rico, e soberbo, que he hum edificio composto de terra, e agua, levantado com fogo, e ar; que cada dia pode cahir; pois que fim se pôde esperar de architectura tão fragil; aonde se encontraõ a cada instante os elementos, esquecendo-se da morte, e pertendendo adoraçoens como author da vida? Qual outro Menecrâtes Medico, que de todos os que curava, não queria outra satisfação mais que lhe rendessem adoraçoens como a Jupiter. Qual outro Sapho, que para ser tido por Deos, ensinou a varias aves, que dissessem *grande Deos Sapho*, e largando as ao ar, veyo a coneguir, que nos raminhos das arvores fosse pelas simples avelinhas apregoado por Deos. Qual outro Alexandre, que desvanecido com a liberalidade, com que o tinha favorecido tão largamente a fortuna, se veyo a persuadir, que era filho de Jupiter, e como tal, immortal, mas desenganou-o huma ferida, que recebeo. Qual outro Cayo, Pausanias, Domiciano, Atila, e outros muitos, que se fizeram escrever em o catálogo dos Deoses, sem considerar, que a mais inchada nuvem se desfaz aos rayos do Sol; a arvore mais pomposa da Primavera com a menor geada perde a flor, e não dá fruto; a Aguia, que tocando a face do Sol, se atreve ás suas luzes, e com as suas unhas he pyrata das aves, voltando-se-lhe o bico, morre louca; o mais soberbo edificio à forte artelharia do tempo se rende; a vida mais larga he tão breve, como a nuvem que passa, tão ligeira, como a exhalacão que gyra, tão prompta, como o relampago, que voa; e a mais robusta se prostra ao golpe do menor desmayo. Prezando-se de ser com os humildes soberbo, com os fa-

bios cruel, com os honrados tyranno, sem considerar, que sendo perguntado Esopo, que fazia Jupiter? diz *Brusonio lib. 6. cap. 5.*, que respondera, que estava occupado em destruir soberbos, e levantar humildes. Gloriando-se das riquezas, e bens que possuiue, sem considerar, que diz *S. Agostinh. no Serm. 31.*, que não duraõ muito as riquezas na mão da soberba, que he bicho, que as consome, fogo, que as faz em cinza, incendio, que as abraza Jaectando-se de se ver cercado de delicias, assaltado de riquezas, contrastado da luxuria, lisongeadado da vaidade, oprimido da ambição, convidado da gula, rodeado da ira, assistido da avareza, forçado do interesse, temido de muitos: sem considerar, que se as delicias regalaõ, mataõ; as riquezas, se agradaõ, picaõ; a vaidade se lisongea os ouvidos, agrava a fama; a ambição se tem os principios doces, tem os fins amargos; a gula se he vida do gosto, he veneno da vida; a ira se cria respeito, grangea odio; a avareza se he triaga da pobreza, he veno d'alma; o interesse se tem muita utilidade, tem muita villania; o temor se adquire adoração, he violenta; o amor de poucos, ainda que seja muito grande, he muito pequeno; e o aborrecimento de todos, senaõ he já primeiro golpe de huma violenta morte, he correyo infallivel de huma cahida certa; porque o final mais certo de huma insigne ruina, he huma insigne insolencia, e não a pôde haver mayor, que a que gera hum aborrecimento geral, ao qual nenhumas riquezas podem fazer valente resistencia, como escreve Tulio: *Multorum odiis nullæ opes resistere possunt*. Gloriando-se de cruzar as ruas, passear as praças, correr os muros, levado no tão vaõ, como fantasioso coche de sua soberba, porque tiraõ aquelles quatro animais tão brutos, como desenfreados, a ambição de mandar, o desejo do proprio louvor, a desobediencia

bediencia de tudo, e o desprezo de todos, em que lhe fervem de rodas aquelles quatro vicios taõ infames, como insolentes, jaçtancia, arrogancia, liviandade, e loquacidade; de cocheiro, aquelle taõ mão, como diabolico espirito de soberba; sem considerar, que a materia do coche he vaõ, os cavallos, que o tiraõ, debocados, as rodas, que o sustentaõ, voluveis, o cocheiro, que o governa, perverso; como escreve *Hugo de Clastro animæ lib. 1.*

Na fortuna prospera se enfurece, sem advertir com Seneca, que está muito visinho da ruina, o que subio ao summo grão da felicidade: *Qui ad summum venit, ad exitum propè est;* porq, como escreve o mesmo Seneca, ao que chegou ao auge das ditas, não lhe restaõ mais q, adquirir: *Quidquid ad summum pervenit, incremento non relinquit locum.* Na adversa se desmaya de sorte, que perde totalmente a esperança de tornar a ver fortuna favoravel; porque he proprio da liviandade, que lhe affiite, o não saber moderar-se, nem na prospera, nem na adversa, como refere Tulio: *Ut adversas, sic secundas res immoderatè ferre levitas est.* Naquelle se contempla todo levantado, nesta se considera totalmente cahido, e assim nem sabe usar della, nem viver com ella; porque com ella se proftra de sorte, que as mesmas torres de vento, que formava a sua fantasia na prospera, troca agora em torres de lagrimas, em muralhas de suspiros, em baluartes de pezares, e em vigias de sentimento na adversa. A mesma arvore, com que entaõ defafiava a campanha todas as nobrezas do mundo, para que ou buscasssem nella seu raminho, ou participasssem de sua sombra, se no livro da nobreza pertendeo ter assento, troca agora em arvore de humildade, em cujos troncos vê defenganada a sua fantasia, conhecendo, que não eraõ os seus aicendentes nem Godos, nem

Ostrogodos, mas filhos do tempo. A mesma adoraçãõ, que entaõ pertencia como Deos, troca agora em se conhecer menos que homem; a mesma altiveza, com que entaõ opprimia a todos, troca agora em rendimentos com que a todos se fugeita; a mesma estimaçãõ, que entaõ fazia das riquezas, troca agora em desesperaçãõ de as haver perdido; a mesma jaçtancia, que entaõ concebiam de se ver affistido, lisongeados, e regalados, troca agora em lagrimas, com que amargamente chora as mudanças da fortuna; o mesmo coche, em que entaõ rodava as ruas, ou affolava a terra, troca agora em andar por ellas desesperado como louco, mas não emendado como defenganado, antes conservando entre as mesmas miserias a mesma soberba, passa a desesperaçãõ, o que havia ser emenda, a blasfemia o que havia ser agradecimento, a cegueira do juizo o que havia ser luz do entendimento; e se louvava a fortuna em quanto prospera, agora soberbo a maldiz como adversa; porque aquelle louvor no sentir de Tulio he ignorancia, e esta abominaçãõ soberba. *Fortunam laudare est stultitia, vituperare superbia;* e por esta razaõ escreve Santo Agostinho, que he mais toleravel o soberbo em quanto rico, que no estado de pobre: *Si vix toleratur superbus, dives pauperum superbium quis ferat?*

Soberbo cego, senaõ soubeste ter modo na fortuna prospera, como não sabes ter sofrimento na adversa? Não te lembra, que na *Dec. 3.* escreveo *Livio*, que o que não usa de modo na felicidade, nem se sabe moderar quando a fortuna o levanta, tanto mais sublimemente sobe, quanto mais torpemente cahe: *Statuendus est felicitatis modus;* porque como disse o Seneca, os remedios para a fortuna adversa, preparaõ-se na prospera: *Habet in adversis auxilia, qui in secundis commodat.* Não te lembras, com o mesmo Seneca

ca da brevidade, que tem as glorias de tua soberba, e o que hontem era pompa de tua vaidade, hoje he motivo de tua ignominia: *Cito ignominia fit superbi gloria?* Não te acordas do que disse Philistiaó, referido por Antonio no Serm. da soberba, que quando se viu hum levantado a grande dig-

nidade, lisongeado da fortuna, affitido das riquezas, se esperasse apressada a sua mudança; porque se altissimamente subio, foy para que profundamente cahisse; e por isso disse o Poeta Wem, que os gostos da vida acabaõ brevemente, e o que começou em regalo, acaba em tormento:

*Quæ durare putas mortalis gaudia vitæ,
Sunt brevia, & finis tristis amoris erit.*

E assim conclue, que os verdadeiros gostos consistem em amar a Deos; por-

que o fim destes he principio de humana eterna gloria:

*Una salus servire Deo est, hæc gaudia sola
Vera putes, quorum gloria finis erit.*

Não advertes o que disse Aristóteles a hum soberbo: *O soberbo, lhe disse, prospera Deos, que fores tal, qual te imaginas; mas tal tu teverás, tais se fação os meus inimigos;* e se conheces isto, porque ou na prospera fortuna te não moderas, ou na adversa te não consolás? E se tanto te ha de custar a queda, para que sobes tanto? Se na prospera fortuna tanto affectavas os louvores, e agora na adversa te vés desprezado, porque te não lembra o

que disse Tulio, que o verdadeiro louvor está na verdade verdadeira, e o desprezo no vicio, e que não a prospera fortuna te póde fazer digno de louvor, se fores vicioso, nem a adversa mercedor de desprezo, se fores justo: *Propter virtutem verè laudamur, & in virtute rectè gloriamur;* antes quanto mais louvado, mais soberbo; porque o louvor, que não mereces, te accrescenta a soberba, de que te vestes, como cantou Wem:

*Si te laudarem, Quintine, superbus esses;
Te laudare equidem nolo, superbia sat est.*

Lembrete finalmente, soberbo, que diz São Jeronymo in Matth., que os que o Senhor mais enche de bens, por cujo beneficio deviaõ ser melhores, se arruinaõ mais, e se fazem piores: *Plerique mali eò magis contra Deum superbiunt, quò ab ejus largitate, & contra meritum ditantur, & qui provocati bonis ad meliora debuerant, donis peiores fiunt;* para que a falta destes te não desesperes, antes seja consolação a mesma desgraça.

Conhecemos a grande difficuldade, que tem a moderação na grande licença, como já escreveo Erasmo: *Difficile est in secundis rebus non oblivis-*

ci sui, e o muito que custará em humana grande fortuna enfrear os desejos; mas ainda assim nos animamos a prometterte, soberbo, q serás feliz, se na mayor fortuna te passares do bando do vicio da soberba ao contrario da virtude da magnanimidade, honestidade, e humildade; e se nisso mefino, que te faz soberbo, fizeres reflexão com maduro discurso; se aprendeste a ser soberbo em a escola de Babylonia, repara não no principio da torre, senão no fim de seu edificio, não na soberba de sua vaidade, senão no castigo de seu atrevimento. Se em a nobreza de teus mayores, se no brazaõ, no escudo de

de tuas Armas fundas tua soberba, repara, que o ser nobre consiste mais em fello, que em parecello. Ser nobre, he blasonar de virtude propria, e não alheya; ser nobre, he amparar os humildes, e não os soberbos; ser nobre, he defender os fracos, e não alentar os fortes. Se te ensoberbece o ser poderoso, repara, que o ser poderoso está mais em ser piedoso, que cruel, em premiar beneficios, que despre-

zillos, em perdoar as offensas, que vingallas. Se te ensoberbeces em te persuadires, que tens todas as virtudes, repara, que o mais pobre de virtudes he o que se considera mais rico dellas, e sabe, que o ser virtuoso consiste em não fazeres ao outro, o que não quizeras que se te fizera a ti; que isto he viver na terra, como se vive no Ceo:

Quod tibi vis, mihi fac, quod non mihi, noli;

Sic potes in terris vivere jure Poli.

Quem dirá, que seja acção de nobre, e poderoso peito opprimir aos outros, quando Ovidio só concedeo a soberba-

nia de Real à acção, que se encaminha a socorrer o affligido.

Regina, crede mihi, res est succurrere lapsis.

Porque todo o animal racional, por mal organizado que esteja, tem sempre piedade de seu semelhante, e não pertende desluzir com obra vil todas as da nobre, e sabia natureza. Se te ensoberbece o conhecer-te magnanimo, repara, que para fello he forçoso ser virtuoso, favorecer o affligido, animar ao fraco: virtudes morais são de hum magnanimo coração, e de hum espirito heroico, a que resplandece o sangue herdado dos nobres. Dize-me, soberbo, he por ventura braço da nobreza, quebrar a lança

no virtuoso fraco, podendo rompella em tua vaidade? Lê a Plinio o Moço, que te defengana dizendo, que mal experimentas o teu poder em injurias alheyas: *Malè vim suam potestas alienis injuriis experitur.* Ouve a Erasmo, que diz, que os que se entregão à soberba, na summa felicidade são desgraçados: *Qui se dederunt impietati, etiam in summa felicitate sunt infelices.* Se te ensoberbecem as riquezas do mundo, lê o Soneto seguinte de D. Francisco de la Torre, e conhecerás o engano dellas:

Si viniendo a ser Dios Rey Soberano,

Conquistò la grandeza con hollarla;

O fuè casual fuerte el conquistarla,

O es logro mejor darle de mano.

Alebe insulto de un pabor tyranno,

Ni aun la dexa segurà al empuñarla;

Si en sustos se và el logro de gozarla;

Solo el afan es lleno, el gozo vano.

Roba el bien, que dispenia aun sin quitarle,

Dos vezes alevoso en ofrecerla,

Engañando dos vezes al sentido:

Hiere el cuidado para arrebatarle,

Una vez al afirle, otra al perderle,

Para hazer más ageno el posseido.

Se te ensoberbece o que te promete o mundo, adverte, que tudo nelle he vaidade. He vaidade a nobreza, pois em fim, e no fim todos fomos huns; porque a morte iguala a todos. Vaidades as riquezas, pois nos multiplicaõ cuidados. Vaidade a presumpção de sabios, pois mais ignoramos, do que sabemos. Vaidade o credito, pois depende da opiniaõ dos outros. Vaidade a gentileza, ou formosura, pois se a morte lhe esperera, o tempo a desfigura. Vaidade as amizades, pois não duraõ mais que em quanto duraõ as fortunas. Vaidade a fama, pois se

naõ sofrem ventagens, nem applausos sem riscos. Vaidade cargos, honras, e dignidades, pois são comedias de cada dia; e vaidade tudo o do mundo, pois são huns passos vidrentos, que se loftém na vida, que como vidro estala; o que considerando Salomaõ, disse, que tudo o desta vida era vaidade de vaidades, e tudo vaidade: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas.* Com valentia descreveo a inconstancia, e velocidade das cousas do mundo D. Francisco do la Torre, no Soneto seguinte:

Mostrò a JESUS Luzbel con vil cautella,

Sin que su error vezino la luz borre,

Provincias de ayre en una, y otra torre,

Mapas de espuma em estendida tella:

Campos de flor, que brinda, y no consuela;

Montes de oro, que abruma, y no soccorre;

Rios de perlas en cristal que corre;

Nubes de faustos en vapor que buela.

Aqueste amago, que a los dos excede,

Fuè prevencion, aun más que atrevimiento,

Como quien dize: mi valor no puede:

Entre bienes del mundo me presento,

Que para huir, quando vencido quede,

Ellos me daran alas, pues son viento.

Se te ensoberbece o amor da vida, sabe, que a que maiores pensoens pôde estar nossa vida iugeita, que a tantas multidoens de paixens, como padece a alma, a tanta variedade de achaques, como padece o corpo, a tantas tentações, como são as do mundo, carne, e diabo? São tantas, que ainda que todas se possaõ sentir, não se podem contar todas; pois não são menos para magoar as que cada hora nos lastimaõ, como são para ver. Os Soberanos rodeados de lisongeiros, os ricos avarentos, os sabios desgraçados, os fracos ditosos, os valentes mal succedidos, os maos exaltados, os virtuosos opprimidos, os indignos despachados, os benemeritos encolhidos, os devotos murmurados, os malfeitores

applaudidos, os pobres desprezados, os maldizentes temidos, os murmuradores respeitados, os ignorantes presumidos, os discretos mal accetos, estimados os ditosos, os desgraçados esquecidos, os favorecidos ingratos, os inuteis pertendentes, os benemeritos escusos, os verdadeiros aborrecidos, bem accetos os mentirosos, os neceios vividouros, os validos arriscados, e os que o não são, desvalidos. Ver a fortuna cega, a fama mentirosa, o amor sem uso de razão, a murmuração com capa de zelo, a necessidade incuravel, a honra de zefimada, a impiedade reynando, desgraçada a formosura, o mal com duração, com credito o embuste, a sem razão com poder, o viver de tramoyas, ninguém

quem sem crime, não se conhecer ninguém, o mundo fervendo em erros, os infernos a pares, e a gloria delmerecida. Tudo isto, e muito mais tem que sentir os que vivem. Tristes pensoens são as da vida; por isso dizia hum dis-

creto, que a vida era huma alfaya tão infeliz, que só era boa para quem não sabe o que he. Cuja brevidade descreveo no Soneto seguinte D. Antonio Soliz:

El curso de los años repetido
Gasta la edad, com natural violencia;
Y el tardo amanecer de la prudencia
Conoce el tiempo, quando le ha perdido.
La mitad fuè del sueño, y del olvido,
La otra mitad o error, o negligencia:
Mas, ó vivir, dificultosa sciencia,
Quien en toda una vida te ha sabido!
Duran los dias; pero quien percibe
Su duracion, si es menos inconstante
La intrepidez de nuestra fantasia?
O que importa el durar, si solo vive
El que sabe acertar aquel instante,
Principio, y siempre del eterno dia!

Se te ensoberbecom as felicidades, que gozas, advertte, que são felicidades de hum mundo fementido, que a

penas começaõ, quando já fenecem; como lacrimosamente chorou certo discreto, dizendo:

*Eu, quàm dulce malum mortalibus additur
Melis dirus amor!*

Que em lingua Castelhana vertidos por D. Francisco de la Torre, querem dizer:

Del deleite la miel, que poco dura,
Cruel amor, dulce mal, agra dulçura!

O como a los mortales enagena

O mesmo chorou Falcaõ, quando disse:

*Quàm sperata gravis! Quàm tristis lapsa voluptas!
Quàm fugitiva præsens*-----

Que em linguagem Castelhana querem dizer o seguinte:

Muerto los de su sepulchro,
Y vivo el de su conciencia.

Quam triste al deleite atroz,

Adverte, que antes da morte ninguém he feliz; e senão, lança os olhos por quantos ficou referidos no decurso destas Liçoens, e olha também para os que nellas se referirão, que começarão felices, e morrerão desgraçados; porque em vão são as diligencias dos homens, se as não favorece Deos: o que de Nabuchodonosor disse o Propheta

Se se vá, le halla el cuidado!

Se le espero, ò quam pezado!

Se le gozo, ò quam veloz?

Adverte que:

Vivo, y muerto al hombre malo

Fieros gulanos le cercan,

pheta

pheta Daniel no cap. 5.: *Quando elatum est cor ejus, infirmatus est ad superbiam, depositus est de solio regni sui, & gloria ejus ablata est.* Quando Nabuchodonosor se enchia de fante-fias, o depuzerao da sua cadeira, e lhe tirarao as insignias de seu Reyno. A

mesma causa foy poderosa para tirar o Reyno a Balthazar, e transferillo dos Chaldeos aos Medos; e confessaras o acerto com que Ovidio, Auonio, Juvenal, e Plinio, escreverao, que antes da morte a ninguem se podia chamar ditolo. Ouve ao primeiro:

-----*dicitque beatus*
Ante obitum nemo supremaque funera debet.

Lê ao segundo:

Tunc dico beatam vitam, cum peracta facta sunt,
Expectare solum finem docet ortus Athenis.

E repara bem no que diz o terceiro:

Et Cressum, quem vox, inquit, facunda Solonis,
Respicere extremae jussit spatia ultima vitae.

E attende ao quarto, que diz: *Quid, quod iste calculi colore laudatus dies originem mali habuit, quam multos accepta afflixere imperia? Quam multos bona perdidere, & ultimis mersere supliis; ita est profectò, alius de alio indicat dies, & tamen supremus de omnibus.* Verdade taõ infallivel, que a mesma experiencia a gritos a confirma, e a mesma infalibilidade da sagrada Escritura a comprova no cap. 21. do *Ecclesiast. ibi: Ante mortem non laudes hominem.*, e colherás, q tudo o desta vida he nada, mais q o saberte salvar, como naõ menos verdadeira, que engenhosamente nos deixou escrito o agudo engenho de D. Francisco de la Torre:

Diõs, que de nada hizo en alto modo,
Quanto es nada, y lo es todo,
Nada te negó pio,
Todo quizo ponerlo en tu alvedrio
Con supremos poderes;

O' miseri ter, quatuor que
Omnes, qui de se magnificè sentiunt inflati,
Ignorant enim isti hominis conditionem.

E sabe, que de todo o genero de maldade he raiz, e cabeça a soberba; e se queres triunfar de todos os vicios,

Criminis est omnis caput, & certissima radix
Fastus, eo victo, crimina cuncta ruunt.

Mira, que sendo nada, de todo eres Arbitro soberano,

Y que el ser todo, o nada, está en tu mano.

Si usas bien deste todo con fiel suerte,
Lo serás todo en vida, y más en muerte;

Pero si en el los usos no son buenos,
Nada serás en vida, al morir menos.
No hagas misero al fin de la jornada,
Que este todo te sirva para nada;
Sino que con fiel modo

Te aproveche esse nada para todo:
Para todo sin nada desviarte,
Porq el todo en fin es saber salvarte.

Adverte finalmente, que no juizo de Menandro saõ miseraveis, e ignorantes os soberbos; porque penlaõ de si, o que haviaõ cuidar dos outros; e cuidaõ dos outros, o que haviaõ pensar de si:

destrõe a soberba, porq vencida esta,
todos os mais se rendem:

E se ainda não estás persuadido a deixares de ser soberbo, anda comigo, e façamos á nossa America huma jornada, a ver o principio, e examinar o fim dos dous soberbos, largos, e dilatados rios, o das Amaïonas, ou por outro nome o Graó Pará, que correndo sobre pedras preciosas, seixos de prata, areas de ouro, por mais de tres mil leguas, vem desembocar no Oceano com setenta leguas de foz; e o rio da Prata (irmao segundo do primeiro) q̄ correndo sobre montanhas de prata, arêas de perolas, e pedras de ouro quasi a mesma distancia, vem a espirar no Oceano as aguas, que o animão, por boca de quarenta leguas de largo. Lá nas admiraveis ferranias do Reyno do Perú, que dilatao por longissimo curso sua extençao, proporcionada sua altura, espantosamente inacessivel ao voo da mais ligeira ave, isenta dos vapores da terra, e das inclemencias do tempo, e que superior à chuva, e vento, goza do sereno, e claro Ceo, fazendo verdadeiro o fabuloso Olympo, nascem de hum parto estes dous tao ricos, como celebrados rios, de huma pequena lagoa, que sendo em seus principios alegria dos bosques, formosura dos valles, não se acordando de seu nascimento, correndo o da Prata para o Meyo dia, e o das Amaïonas para o Norte, convocando cada hum os pobres, e humildes arroyos, que fugindo dos montes, que levantando-se entre os de mais sobre as nuvens, presumiao coroar-se de estrellas, buscavao os valles, não murmurando entre dentes, como costumao, senao a vozes choravao, feitos lagrimas, suas delitas, de se verem arrojados como humildes dos montes, cujas asperas, e soberbas cabeças não podiao sofrer sua humildade; e alargando os termos de sua soberba, com o roubo das aguas dos humildes arroyos, que recebem tao ingratos, que fazendo-os logo mudar de estado, e perder os nomes, se

fazem Monarchas dos rios con tanta altiveza, que aos pobres riosinhos, que nelles entrao, e lhes fazem crescer o ser por indissoluvell uniao de matrimonio, lhes fazem perder os nomes, e borrao suas memorias, com tanta arrogancia, que até lhes negao o parentesco, e se lhes fora possivel, vomitarao seus humores, ainda que à volta perdessem parte da vida, levando atraz de si as mais empinadas arvores dos montes, arruinando os mais firmes edificios, destruindo as fcaras, affogando os gados, e sepultando os campos, tal vez com as rusticas cabanas os innocentes moradores, ou obrigando-os a que a mayor parte do anno vivaõ embarcados sobre suas aguas; e se acaso encontrao em seu curio alguma ferrania, que ou por altiva, e soberba, ou por compadecida dos destroços, que fazem com o soberbo de suas aguas, os encontre; não só se contentao, que fique debaixo de suas correntes sepultada, mas atroando com estupendo rumor até os campos vizinhos, os fazem inhabitaveis por mais de vinte leguas de distancia, até que sendo com a ligeireza huma setta despedida do arco, hum rayo abortado de huma nuvem, huma exhalacao volante, hum relampago ardente, entrao no mar Oceano, que os teme inimigos, e os despreza vassallos; aonde não sómente perdem o brio, e poder, que tinhaõ com os humildes; porém nem ainda fica memoria de seus nomes em os maritimos rumos, por mais que soberbos, quando se vem espirar, vomitem agua doce por espaço de quarenta leguas ao mar, quasi presumindo reduzir as suas doces dilicias às asperas do imperio de Neptuno.

Se tens reparado no nascimento; vida, e morte destes dous rios, repara agora, olha parati, soberbo, e verás, que o mesmo que vês nos rios, passa em ti, que sendo huma pequena lagoa em as montanhas da natureza, convocando os humores da vaidade, os pen-

famentos

lamentos da ambição, os impulsos da ira, os duelos da nobreza, como rio turbulento, arrojado de huma alta ferra, usando mal de tuas acçoens, atropellas injustamente com ellas aos humildes, aos pobres, aos ricos, aos iguais, e ainda aos superiores, esquecendo-te em pouca distancia da baixaza de teus principios, quando a poucas leguas de tua perigrinação caudaloso pelas riquezas, adquiridas pelo favor do tempo, e da fortuna, es rico soberbo, e poderoso, tanto, que trocando o primeiro nome por outro mais campanudo, e nascendo hontem entre as malvas, hoje te queres fazer lugar em Palacios, Republicas, e Communitades; e porque guardaste hontem cabras, e as vendeste bem, já es Cabrera; hontem nasceste sem nome, e hoje porque enriqueceste, es Henrique; e porque hontem mentiste, e furtafte, es já hoje Mendonça, e Furtado: e quem seria o atrevido, que te lembrasse teus principios, e a qualidade de teus mayores, que não mor-

resse affogado entre teus braços? Nem quem se atreveria a dizer-te, que foy arroyo, que te ajudou com sua fazenda a fazer-te rio, que o não desconhecasses, e ainda que fosse teu parente, lhe negasses soberbo o parentesco? Quem seria tão oufado, que na mayor corrente de tua fortuna se atrevesse a oppor-se-te, sem que tu com mais ruído estrondo, que o dos rios referidos, o não sepultasses em tua mesma ira, e atroasses, com teus gritos de maneira a terra, que a fizesses despo voar por muitos dias?

Mas olha soberbo, que os mesmos rios, que te levamos a ver para parallelos de tua soberba, são os pregoeiros de teus defenganos. Repara bem em seus principios, e verás, que nascerao em huma lagoa, domicilio de sapos; e olha para ti, soberbo, e repara a materia de que foste gerado, de humilde terra, alimento de bichos; e assim como a terra se levanta com montes, assim tu te elevas com fantesias, como cantou Wem:

Ex humili licet ortus homo tellure tumescit,

Sic licet ex nihilo nata tumescit humus:

Sic homo, sic humus supra se tollitur ipsum,

Monte superbit humus, mente superbit homo.

Repara no peccado original, que antes de nascido, te tinha já feito reo,

e como tal fizeste o primeiro preludio à vida, chorando como culpado:

Plorabas cum natus eras: fuit ergo voluptas

Nulla tibi nasci: cur dolet ergo mori?

Repara outra vez em seus principios, e verás, que foy em humas altas ferrañas, symbolo da soberba, que os arrojou despenhando-os: olha para ti, e repara, que se os teus pensamentos, e as tuas acçoens tiverem seu nascimento nas montanhas de tua soberba, serão, e tu com elles, arrojados aos valles, symbolo do Inferno. Repara bem no ligeiro curso de suas aguas, e verás, que indo-se atropellando humas

às outras, sem deixarem rastro em seu caminho, correm a buscar o seu fim: e olha para ti representado nessas ondas, como te pintou Wem, e repara, que os dias de tua vida se vão atropellando huns aos outros, sem deixar algum rastro do que foraõ, e em tí muitos finais de que já não es o que fostes, e brevemente deixarás de ser isto que es:

Unda

*Unda undæ, undarum tibi declinatio constat,
 Derivatio non; unda sit, unde rogas:
 Annus ut in sese sine fine revolvitur annis,
 Ad punctum redeunt annus, & annis idem.*

Torna a reparar na mesma carreira das aguas, e verás, que quanto mais soberbas com a multidão, tanto a maiores susurros murmuraõ de seu pouco descanço; e olha para ti, e repara, que nem ainda na mayor ventura podés lograr descanço. Repara, em que vem a parar dous taõ caudalosos rios, humas taõ opulentas aguas, e verás, que em perderem os rios os nomes, e as aguas o gosto; e olha para ti, que toda a tua soberba, quando entra no mar de hum sepulcho, será naõ o que foy, porém o que deixou de ser, ficando taõ sem nome, que ainda a naõ conhece a mãy donde sahio. Naõ duvides, que has de ter este fim, porque he certo; e ainda que a hora he incerta, sempre estás perto della, como escreveo Wem:

*Mors incertarum rerum certissima cunctis,
 Incertum quando, certum aliquando mori.
 Nullus ab occasu procul est homo, nullus ab ortu,
 Nec tamen illius, nec memor hujus homo.*

Torna finalmente a reparar, que por mais que se empenharaõ as aguas destes rios em conservar a sua doçura, a vieraõ a trocar em a amargura do mar, que as recebeo; e olha para ti, e repara, que as riquezas, que nesta vida te lisonjearaõ o gosto, se haõ de tornar na outra em amargura, que te desconfole por todas as eternidades; quando já nestas naõ sintas o poderoso braço de Deos, de quem he muy proprio affogar Pharaõs, pendurar Amãos, e Absalaõs, degollar Holofernes, descalabrar Golias, destruir Antiochos, assollar Nabucos, burlar Balthaiares, derrubar Senacheribes, arruinar Babeis, acabar Neros, humilhar Dionysios, e assollar Dioclecianos; e pelo contrario, levantar Davis, subir Mardocheos, collocar Danieis, livrar Abdénagos, amparar Samueis, enthronizar Josés, defender Apostolos, premiar humildes, e castigar soberbos.

Desengana-te, que a ninguem deu gloria a ira, levantou a crueldade, e subio a soberba. Deixa esse caminho. Se queres ser nobre, se piedoso; se bom, ajusta-te; humilde, se queres ser honrado; se rico, esmolcr; se governar, governa te; se prudente, calado; se discreto, falla pouco, e bem. Se queres ter amigos, conserva-os; se fama, ama-a; se justo, ajusta-te; se perdoado, perdoa; se sabio, estuda. Se queres a Deos, busca-o; se o adoras, ama-o; se o queres, teme-o. Se temes o mundo, foge delle. Se queres credito, dize sempre verdade, se bens, naõ os desejes. Se queres vencer a todos, vence-te a ti; e se conhecer aos outros, conhece-te a ti; e se queres ter consciencia, naõ sejas ambicioso. Se tens inimigos, naõ durmas; se queres viver seguro, procura naõ tellos; e finalmente se queres ter boa vida, procura-a na escola da morte; porque só nesta escola aprenderás liçoens, para que possas por meyo da virtude encontrar no fim da vida corporal a eterna, que de ordinario só a alcança o que para ella soube dirigir a temporal, como verás nos versos seguintes, que nos deixou escritos D. Francisco de la Torre na traducção do *Epigr. 254. de Wem lib. uno.*

El que viviere de burlas,
Morir de veras espere;
Pero el que de burlas vive,

Hará burla de la muerte.
E o explicou melhor na addição, em
que diz assim:

El que para morir no se apercibe,
Burla haze de la muerte, quando vive;

Pero en el postrer hado
Infelizmente se hallará burlado.

Y al revez su miseria conociendo,
El hombre que viviendo,

Cada dia a la muerte se apercibe,
Burla haze de la muerte quando vive.

Con que se nota en esto,
Que en el bien delcuidado, y mal dispuesto,

Con infelice suerte,
Vida de burlas es, de veras muerte;

Y en el de vida atenta, y prevenida,
Muerte de veras, es de veras vida.

E assim:

Ne moriari opus est mortem præcurrere morte.

L I Ç A M XI.

Da Magnificencia, e seus extremos.

A Migo Ministro, tambem te
queremos magnifico; porque
naõ he bem, que em hum Mi-
nistro perfeito se ache menos
esta virtude, que he a mayor operaria
de cousas grandes, que conhecemos
entre as morais virtudes, tanto que a
define Santo Thomaz 2. 2. *quest.* 134.
art. 1.: *Huma virtude factora de cousas*
grandes; e Aristoteles: Huma agitacão
de cousas grandes, e excelsas, com huma
proposiçãõ ampla, e esplendida do animo.
De duas maneiras se póde considerar
esta virtude: ou em seu largo signi-
ficado, que comprehende toda a o-
peracão de cousas grandes em todo o
genero de obra, e neste sentido he ge-
ral virtude; ou em significado mais res-
tricto, que abrange só obras exterior-
es, e neste sentido he especial virtu-
de, que residindo na alma, respeita a
medionidade de gastos grandes por
fim honesto. E sobre a virtude tomada
neste segundo sentido, será todo o dis-
curso da nossa Lição.

Olha, para qualquer obra ser
magnifica haõ de concorrer nella em
hum tempo tres termos correlativos,
convem a saber; a grandeza do que
obra, grandeza da obra, e grandeza
do fim; de maneira, que se em qual-
quer obra faltar algum destes termos,
poderá ser a obra grande, mas nunca
poderá ser magnifica. Vamos na cada
hum de per si, para melhor percebe-
res o que nesta Lição te queremos
dizer.

Mede-se a magnificencia da obra
pela grandeza do operario, e naõ pô-
de ser magnifico aquelle, que sobre
huma grande obra naõ póde escrever
hum nome mais grande; porque naõ
ha de ser o nome taõ realçado pela
obra, quanto a obra pelo nome. Igual
monstro seria nascer de huma Ovelha
hum Leão, que de hum animo humil-
de huma obra magnifica. Primeiro
rebentou a fabulosa Arrã com inchar-
se, que podesse igualar a grandeza do
Boi; e primeiro se consumirá o rico
plebéo, que possa chamar-se magnifi-
co dignamente; porque a baixeza da
pessoa envilece a obra, ainda que seja
grande; e por esta razão naõ consenti-
tiráe

tiraõ os Almotacés de Roma, que Bâtraco, e Saura, requiſſimos Archi-
tectos, fabricaſſem à ſua cuſta o thea-
tro de Octavio, para eſcreverem nel-
le ſeus nomes.

Mede ſe tambem a magnificen-
cia pela grandeza da obra. Não baſta,
que o operario ſeja grande, ſe a gran-
deza da peſſoa não correſponde à
grandeza da obra. Nascem os Princi-
pes com o não ſey que de excelſo, e
de divino, chamado mageſtade, que
faz grandes ſuas obras, e dignas de ve-
neração; porem quando fazem bem
a peſſoas particulares com beneficios
medianos, não obraõ como magnifi-
cos, mas como liberaes.

Mede ſe ultimamente a magnifi-
cencia da obra pelo fim della. Deve
eſte attender ao bem publico, ao de-
coro, e decencia; e por eſte princi-
pio ſe chama eſta virtude *Magnifi-
cencia*. Pouco importa, que a obra
ſeja grande, e mayor o operario, ſe
o fim não for decente, e decoroſo.
Sete foraõ as grandezas, que por mi-
lagres celebrou com admiraçoens a
antiguidade, mas de todas ſete fó hu-
ma foy magnifica.

Porque o Templo de Diana, que
levantou em Ephéſo toda a Aſia, em
eſpaço de duzentos annos, ſobre cem
columnas, fabricadas de cem Reys,
igualmente grande, formoſo, e eter-
no, ſe huma fó axa não houvera ter-
minado ſua eternidade em huma noi-
te, ou por dar luz ao obſcuro nome
de quem a accendeo, ou por pôr lu-
minaria ao grande nacimiento de Ale-
xandre, em que Diana com o officio
de parteira ſe achava occupada aquella
noite, grande era, tanto pela obra,
como pelos operarios: porém não foy
magnifico pela falſidade da Divindade,
que fingio o Poetico devanéo, nunca
crido dos fabios; e por não haver peſ-
ſoa, a quem grangeaſſe o titulo de mag-
nifico, porque eſte ſenaõ devia a quem
o fundou, porque não o acabou, nem
a quem o acabou, porque o não fun-
dou.

As Pyramides do Egypto, não Py-
ramides, ſenaõ montes de nobres pe-
nhaſcos, transportados de Arabia a
Egypto, para ſepultar os Reys depois
de haver ſepultado ſeus theſouros,
grandes foraõ pela obra, e pela peſſoa,
mas não magnificas por empobrece-
rem os Reynos, e os Reys para fim
taõ inutil, como para guardar humas
pequenas cinzas de hums deſfeitos ca-
daveres, e principalmente porq obri-
garaõ a que Cleope para acaballas, ven-
deſſe a honra de ſua propria filha.

O Mauſoléo, que Artimiſia, Rai-
nha de Caria, fabricou para guardar
os oſſos de ſeu defunto conſorte, de-
pois de haver guardado dentro de ſi
meſma as meſmas cinzas, a cuja acção
ficou ſuſpenſo o mundo, duvidando
qual foſſe mais bella, ou a marmarea,
ou a viva, obra grande foy pela obra,
e pela Authora, pela materia, e pela
arte, e pela altura, que enchia o va-
ſio do ar, como cantou Marcial; po-
rém ſe ſe confidera o fim de transpor-
tar hum monte de lavrados marmores,
para eſconder as cinzas de hum cada-
ver ſem nenhum beneficio publico, he
certo, que não foy verdadeira magni-
ficencia, mas louca ultradecencia, que
deu exemplo, e nome a outras ſimi-
lhantes.

O Colóſſo do Sol, que ſervia de
porta de bronze ao porto de Rhodes,
de tanta altura, e tanta arte, que ze-
loſo o Sol de ver junto de ſi outro Sol
mais celebrado, que elle, facudindo
em vaivens a terra, o abateo, por não
perder a gloria de ſer fó, ainda que taõ
admiravel por ſua grandeza, que aos
Rhódanos adquirio o nome de Co-
loſſienſes, foy huma methaphora Poe-
tica, huma ſabula vãa, taõ mal fun-
dada na grandeza, como na invenção;
porque não previraõ, que hum cor-
po taõ grande, ſuſtentado em dous
pés, não podia ſuſſistir muito tempo
em huma Ilha, movida de ordinario
com terremotos; e em effeito aquel-
le foy hum milagre de cincoenta an-

nos, e não mais; porque a terra tremendo, sacudiu ao mar o pezo inutil, subito occaso do Sol de Rhodés, sem esperanças de refuſeitar, outra vez.

A Torre de Pharo, que mostrando o porto aos pilotos entre as trevoas da noite, fez com ſua luz tão clara ſua fama a todo o mundo, que navegavaõ muitos mais por ver a Torre, que por ver a Corte de Alexandre, ſuppoſto que foy a mais memoravel, e proveitoſa ao publico, e neceſſaria para enſinar o porto, ſupprimindo a auſencia do Sol huma chama, e por eſte fim era decente a ſolidez; porẽm os cuſtoſos adornos eraõ ſuperfluos, e porque ſó por elles era maravilha, quanto mais maravilha, tanto mais ultradecente; e o que peyor foy, que ſua luz enſinou o porto aos Barbaros, que a occuparaõ.

O Simulaero de Jupiter Olympico de ſolido marfim, milagre do divino pincel de Fidias, qui tinha perplexos os que o adoravaõ, ſobre qual ſolle mais divino, e digno de adoraçaõ, ſe Jupiter, ou quem o fez; ſe ſe considera o objecto, era couſa profana, ſe a materia, melhor convinha a Jupiter huma eſtatua de ouro, que oſtos de Elefantes, eſcarnecidos de Marcial; ſe a grandeza, não era maravilha, não ſendo hum corpo ſolido; ſe o magiſterio do Artifice, podia fazer a obra cuſtoſa, mas não magnifica.

Finalmente ſó foy das ſete Maravilhas do mundo obra magnifica os muros de Babylonia, cuja altura preferia aos paſſaros o voo, cuja largura formava hum largo eſtadio ao concurſo das carroças, milagre muito mais admiravel, porque não cem Reys em duzentos annos, ſenaõ huma Rainha ſó em poucos luſtros lhes deu principio, e fim. Ella fez ver, que as obras não as faz grandes a dilacaõ do tempo, ſe não a grandeza do animo, e que cabe em huma mulher a grandeza do animo de tantos Monarchas. Só eſta foy magnifica pelo grande animo de Semi-

ramis, pela grandeza, e ſumptuoſidade da obra, e pela grandeza do fim, attendendo ao modo das expugnaçoens daquelle tempo, em o qual nenhum groſſo, e nenhum alto era ſuperfluo; mas para guarneccellos não ſe queria menor Povo, que o de Babylonia, nem menor coraçãõ que o de Semiramis; era mortal.

Não foraõ menos os Arcos Triunfais, as Columnas, historias das victorias de Trajano, e oſtentadoras dos trophẽos de Auguſto, o Mantelco de Adriano, os Banhos de Roma, o Amphiteathro de Veſpaſiano, que competio com os ſete milagres do mundo, contando ſe pelo oitavo, e mayores de todos; mas ſe aquellas obras ſaõ magnificas, que à maravilha da arte accreſcentaõ algum publico, e affinalado beneficio, que outra couſa eraõ os Arcos Triumphais, que humas inuteis portas, abertas ſó para que coubeſſe a entrar por ellas toda a Romana ſoberba? Que outra couſa as columnas de Auguſto, e de Trajano, mais que huns livros de memoria, para os barbaros vingarem ſuas injurias indelevelmente neilas eſculpidas? Que outra couſa a Machina de Adriano, ſenaõ hum monte de pedras, para ter nõ ar hum cadaver? Que outra couſa os Banhos, ſenaõ agua nociva às virtudes, e coſtumes varonis? Que finalmente outra couſa foy o Amphiteathro, ſenaõ hum grande açouge de carne humana, donde eraõ carniceiros, ou as feſas dos homens, ou os homens huns dos outros?

Não baſta para as obras ſerem magnificas, que ſejaõ grandes pelo operario, pela obra, e pelo fim, ſe ſenaõ fazem com respeito a neceſſidade do tempo, e lugar, ſem vaidade, nem fantaſia; porque não he de magnificos, mas de ambicioſos, os que não fazem a obra pela obra, e não fixaõ a inſcripçaõ por haver feito a obra, ſenaõ fazem a obra por fixar a inſcripçaõ; porque o ſeu fim não he fazerem grande

de a obra, mas fazeren-se grandes a si; como Pintores nelcios, que debaixo de qualquer figura fixaõ o seu nome. Os ambiciosos sobre a sepultura fazem

esculpir seu nome, e Armas, à maneira de hera, que a todas as paredes se pega, cuja vaidade reprehendeo *Wem* no lib. 1. *Epigram. 57.*

*Ne pereat tua fama, struis tibi, Paule, sepulchrum,
Tamquam non possint ipsa sepulchra mori.*

Que traduzio D. Francisco de la Torre desta sorte:

La cubre, qual verde yedra,
Y es sepulchro a eternidad,
Tiene sepulchro en la piedra
Del termino de la edad.

Para que fin no tenga
Tu fama, y se detenga,
En lo que eterno argues,
Gran sepultura, ó Paulo, te conf-
trues;
Como si no pudieran, aunque du-
ras,
Acabar-se aun las misinas sepulturas.

Ya forma no se le halla;
Muda yá, no se le azcehe
Letra, ó voz, que el arte entalla;
Polvo es yá por lo desecha,
Solo es piedra en lo que calla.

E mais claramente o explica no dis-
curso seguinte:

Entendendo por este modo perpetuar
seus nomes, sem advertirem, que à
forte bateria do tempo não resistem
nem ainda os marmores mais endure-
cidos, como disse Ausonio:

La piedra, que vanidad

Mors etiam saxis, nominibusque venit.

Que em o quarteto seguinte traduzio
D. Francisco de la Torre:

Convém pois para ser magnifico,
que todas as obras do magnifico se di-
rijaõ ao bem do Povo. No que lhe
for mais util he que ha de resplande-
cer a magnificencia do Ministro; obri-
gação, que carrega mais sobre os Prin-
cipes Ministros de Deos, com quem
primeiro se devem mostrar magnifi-
cos. Gentio era Aristóteles, mas este
no lib. 4. das *Ethic. cap. 2.* ensina,
que entre todas as obras a mais mag-
nifica está em dedicar Templos a Deos
taõ sumptuosos, e admiraveis, que a
obra convide a piedade pública; como
fez Vespasiano, que vendo extingui-
da a guerra civil dos Vitelios, e Otho-
nes, e que tornava a entrar em Ro-
ma, como nova Divindade, a paz fu-
gitiva, levantou o Templo da Paz pa-
ra dar graças aos Deos. Em a China
saõ taõ innumeraveis, como magnifi-
cos os Templos, que aquelles cegos
Gentios dedicaõ a seus falsos Deoses;
e não

De polvo se cubre el marmol,
Con que en igual competencia,
Si piedra sepulta al polvo,
Polvo sepulta a la piedra.

Quantas obras magnificas estraga esta
vaidade? Quantos merecimentos des-
vanece esta vangloria? Porque deven-
do-se as obras fazer a fim do mayor
serviço de Deos, e da Republica, se
fazem hoje mais por ostentação, do
que por este fim. Mas sabe, que não
he magnifico, o que com taõ torci-
do fim vires fazer muralhas, fabricar
Torres, levantar Igrejas, erigir Con-
ventos, mais para o louvor proprio,
e perpetuidade de seus nomes, do
que para o serviço de Deos, e bem pu-
blico; doutrina, que nos deixou *Aris-
tóteles no lib. 2. das Ethic. cap. 2.*

e não ha nação, por mais barbara que seja, que não ponha nesta materia o mais crecido empenho, e o mais vigilante cuidado. E passando isto entre Barbaros, que cegos adoraõ Deos falsos, que obrigação não tem os Christãos tão cheyos de verdade, e conhecimento de Deos verdadeiro, para nesta materia não perderem momento de diligencia; como tem feito os nossos Serenissimos Keys deste Reyno; verdadeiramente mais vigilantes neste cuidado, que todos os Principes do mundo; porque além dos innumeraveis Templos, e Conventos, que aflombraõ todas as grandezas do mundo com a capacidade, com a architectura, e com as rendas, fabricaraõ o famoso Mosteiro de Alcobaca dos Religiosos de São Bernardo, tão grande, que chegou a ter novecentos e noventa e nove Monges; O grande Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, de Conegos Regulares de Santo Agostinho; o admiravel da Batalha, de São Domingos; o magnifico de Thomar, da Ordem de Christo; o portentoso de Belém junto a Lisboa, de Jeronymos, que levou tanto as admiracoens a Philippe II., que disse a vozes não havia feito nada no do Escorial, cujas soberbas machinas excedem as que ha, e houve no mundo, ainda que se lhe opponhaõ as sete Maravilhas do mundo, e os Templos da China, ou o famoso de Santa Sofia, que fabricou em Constantinopla o Imperador Justiniano; e aquelles tres Conventos, cuja grandeza se faz incrível aos menos noticiosos, de que trata *Fr. Luiz do Urreta* na Historia sagrada da Ordem dos Pregadores em os remotos Reynos da Ethiopia *cap. 3. e 4.*, a saber o dos Plurimanos, que em oitenta dormitorios, cada hum de mais de cento e vinte cellas, accommoda mais de nove mil Religiosos; o de Alleluia, situado na Zona Torrida, que accommoda mais de sete mil; o de Benagli, que occu-

pa cinco mil Freiras da mesma Ordem. A muito mais estamos obrigados a Deos, em Dar-lhe a veneração, que se lhe deve, pois por muito que façamos, não fazemos o menos do que lhe devemos. Admiravel he o ditto de Pio II. o qual empregando-se todo em o serviço de Deos, já no ornato dos Templos, já na caridade; com os proximos, costumava dizer: *Por mais que gasto em Templos, e esmolas, não posso alcançar a Deos em contas nos meus livros, e quanto mais lhe pago, mais acho que lhe devo.*

Depois de se mostrarem os Ministros, e principalmente os Principes magnificos com Deos, segue se ferem-no tambem para com os Reynos, Imperios, e Provincias que governaõ; e em nenhuma cousa podem mostrar mais luzida magnificencia, que em fortificarem seus vassallos, e subditos de modo, que a menos custo de suas vidas, e com mayor segurança possaõ defender-se, e defendellos dos inimigos, e lograr com mayor socego seus interesses. Celebre foy a magnificencia de Apio Claudio, que tirando os ossos à terra, cubrio com elles a via militar, para conduzir sobre os valles, e debaixo dos montes as Legioens Romanas desde o Mediterrâneo ao mar Adriatico, fazendo delicioso o mais aspero caminho. Mais que admiravel a dos Imperadores da China, que duzentos e cinco annos antes da vinda de Christo Senhor nosso, fizeraõ hum muro ao seu Imperio em o breve espaço de cinco annos, que na mais restricta opiniaõ corre trezentas e sessenta legoa das nossas, com trinta covados de alto, e doze de largo, guarnecido com milhaõ e meyo de soldados, obra, que com razão se póde chamar a unica maravilha do mundo. A quem não pasmou o muro, que o Imperador Severo fez aos Bátanos, não tendo de comprimento mais de cento e trinta e dous mil passos, segundo escreve Espondano,

dano; e o haver Constantino em seís fundado a nova Roma, que se alargava perto de huma legoa por fóra das muralhas de Bisancio, hoje Constantinopla, obras por certo grandes, mas comparadas com os muros, muy pequenas. E tambem neste particular não ha Principes em todo o Universo, que se possaõ comparar com os nossos, que neste particular se tem havião com tanta magnificencia, que a penas se acha Cidade, Villa, e Lugar em todo este Reyno, que não esteja murado, e ennobrecido com tão soberbas, como levantadas Torres, com tão fortes, como levantados muros; e entre ellas merece lugar entre as mais celebres do mundo a admiravel fortificação da Cidade de Elvas, Villa de Almeida, Olivença, Campo-Mayor, e Estremóz; e não menos a inexpugnavel Fortaleza de São Giaõ, que beijaõ reverentes as aguas do dourado Tejo, a quem mandaõ todos os annos render vassallagem os celebres rios da Asia, Indo, Ganges, e Nilo, e da America o das Amalõnas, Prata, e Maranhãõ.

Nada menos resplandece a magnificencia dos Ministros, e mayormente dos Principes, nas fabricas de Aqueductos, Rios, Pontes, e Clóacas, servindo estas para limpeza das terras, as Pontes para passagem dos rios, os Aqueductos para regalo dos Povos, os Rios para expedição dos viveres. Obra foy magnifica (quem o crera) a mais suja de Roma, as Clóacas, tão sumptuosas pela fabrica de immensos arcos de pedra, que sem mentir-se, se dizia, que Roma era mais formosa por baixo da terra, que por cima, tão laudavel, que a ella só devia Roma, saúde, e acoyo de seu corpo, tão importante, que affegurava a Roma com os subterraneos respiradouros de seus communs terremotos; tão util ao commercio, que encerrando em seu seyo rios navegaveis, levava por baixo da terra as mercadorias, e todos

os provimentos com abudancia; tão magnifica, que Plinio a julgou pela mayor obra de Roma. Os Aqueductos de Claudio obras foraõ magnificas, que satisfizeraõ a Roma a sede, em que ardia entre as aguas do seu celebre Tibre. Não só magnifica, mas admiravel he a Ponte fundada sobre hum braço de mar, junto à Cidade de Civencheu na China, estendida por mais de mil e trezentos passos de homem commum, sustentada sobre mais de trezentos arcos, tão largos, e tão altos, que passa por cada hum delles à vela hum Navio mais soberbo, que póde pizar os mares. Senão he de igual grandeza, he de mayor maravilha a Ponte, que se acha na China em a Provincia Xueicheu, de huma só pedra, que tem vinte braças de comprido, e tres de largo. Bem merece ser contada entre as Pontes magnificas do Universo a de Pariz, chamada de Santa Maria, que sustenta sobre si mais de cem casas. Magnificos tem sido tambem nestas obras publicas os nossos Principes; pois só na Provincia d'Entre Douro e Minho as Pontes de fabrica, e architectura sumptuosa excedem de duzentas, e as de mais do Reyno são innumeraveis: e entre ellas nos obriga a grandeza, formosura, sumptuosidade, e architectura da famosa Ponte de Coimbra, a fazer della lembrança, que por certo póde competir com as mayores do mundo. Pois que diremos do famoso Aqueducto de Evora, que sobre as marmóreas costas de altissimos arcos, leva como triumpho sobre o ar saudaveis rios, que communicando-se a mais de vinte Conventos, e Recoilhimentos com abudancia, passaõ a repartir-se por quatro Fontes publicas e tão custosas, que equivocando-se os luzidos marmores, de que se formaõ suas tão sumptuosas, como engenhosas architecturas, com o luzido da prata, havendo de ser Fontes de jaspes, se chamaõ Fontes de Prata, de

de que bebe aquelle grande Povo; e não cabendo tanta abundancia de agua dentro de huma tamanha Cidade, passa os muros, aonde para matar a sede aos brutos, e para se lavar a roupa, se dilata por largos, e espantosos chafarizes? E que do admiravel da Cidade de Elvas, que por mais de huma legoa, levado por arcos, que registrao as nuvens, cahe sobre huma cisterna, cuja grandeza não tem no mundo com quem competir, e daqui se reparte por varios Conventos, e muitas Fontes publicas, que são a delicia, e a saude daquella tão nobre, como leal Cidade?

Mas sobre tudo resplandece a magnificencia dos Principes em acudir em com larga mão às necessidades commuas de seus vassallos; e não he bom pay o que na necessidade grande dos filhos os não soccorre com grande magnificencia. Vivendo em a China o grande Imperador Xizung, houve grande fome geral nas Provincias do Sul, e mandou o grande Imperador se acudisse ao remedio daquella necessidade; e respondendo os do Conselho de Estado, e Fazenda, que era impossivel soccorrer a todos os necessitados, que erao innumeraveis, disse o Imperador: *O Povo, e os vassallos são meus filhos, e eu seu pay; que pay ha no mundo de tão más entranhas, que não socorra a seus filhos, quando os vê morrer de fome? Para que quero rendas, e thesouros, senão para estas occasioens?* Vilita tão galharda resolução, e animo tão piedoso, se alentarao os Conselheiros, e dispuzerao as couias de maneira, que se soccorresse a todos, sem deixar hum, que não ficasse remediado. Acção illustre, que ainda em Rey, e Papa mais santo do mundo fora celebradissima. Aos sete annos do Imperio de outro Imperador do mesmo nome, houve na China huma grande seca, a que se seguiu grande fome, e mortandade. Certo Governador de humas Provincias fez pin-

tar as miserias, e trabalhos, que padecia o Povo, e remetteo o retrato ao Imperador, dizendo: *Veja Vossa Magestade por essa pintura a miseria de seus vassallos; e se Vossa Magestade acode ao remedio, darà logo o Ceo agua; e senão for assim, o pagará a minha cabeça.* Chorou o Imperador o trabalho de seu Povo, não dormio aquella noite, e ao outro dia tirou os tributos, perdoou as fizas, e com estas novas cobrou alento o affligido Povo; e para que fosse comprido o gosto, choveo tanta agua, que ficou a terra farta, e cessou a carestia. O Imperador Buem foy tão amante de seus vassallos, que sabendo, que em os sacrificios que se faziao ao Ceo, Terra, e Espiritos, só se pediao ditas, e felicidades para elle, mandou por Edicto imperial, que primeiro se pedissem bens para os vassallos, e depois para elle. Não mostrou tanta humildade hum Governador de Manilha, que com todo o esforço procurou, que se fizesse especial menção delle em a Collecta.

Diferente se houve Augusto, que em hum tempo miseravel, quando os Cidadãos cahiao mortos de fome pelas ruas de Roma, como fecos esqueletos, celebrou o mais magnifico, e esplendido banquete, que se vio já mais, com Damas, e Cavalleiros, vestido de Deos Apollo, e os demais de varias Deidades, com que fez crescer a penuria publica com a opulencia de poucos. Não se ouvia em Roma senão raivosos gemidos, e mordazes libellos. Cruel maleficencia, e não magnificencia de hum Imperador tão sabio, senão diminuisse a maravilha o Imperio de tantas Venus hum Apollo, bastando huma só para enlouquecer a muitos! Bem necessitava este Imperador de saber aquella ley, que na China tinha já naquelle tempo publicado o Imperador Fazung, em que mandava senão offerecesse aos Imperadores cousa alguma, que fosse

se rara, e particular, como animais, joyas, roupas trazidas de longas terras; e quanto achou em seu Palacio deste genero, o deitou fóra, dizendo: *Que as rendas do Imperio não eraõ para sustentar animais, nem para ornar-se o Imperador, senão para sustentar seus vassallos, e vestir aos soldados, e pobres.* A razão nos parece digna de hum São Luiz, e de hum Fernando o Santo. Presentaraõ-lhe hum mappa curioso, e bem pintado; não o quiz receber, dizendo: *O anno fertil, e abundante, em que meus vassallos tem com que se sustentar, he o mappa, em que recreyo minha vista: achar sabios, prudentes, virtuosos para os officios, he o melhor mappa para mim.*

Alheyo caminho destes Principes seguiu Domiciano Imperador, que carregava Roma de pedras, e de ouro, as pedras com taõ pouco decoro desperdicadas, como recolhidas: cobrio de ouro assim os portados, como o folio, assim as cavalhariças, como as salas, assim o Templo de Jupiter, como o retrete das concubinas. Plutarcho o teve por louco, e chamou agudamente àquella magnificencia a loucura delRey Midas, que queria que fosse ouro quanto tocasse, de que padeceo tanta fome, que morreo della. Muita falta fazia a este Imperador hum Conselheiro de Estado, como tinha hum Principe da China, chamado Sui, que querendo este Principe fabricar huma Torre para recrear a vista, lhe meteo hum memorial, dizendo: (os antigos tomando exemplo da agua, ensinavaõ ao Povo esta doutrina) *A agua serve ao Navio para navegar, e tambem para alagallo: o Imperador he Navio, o Povo a agua; havendo Povo, póde o Navio navegar, e o mesmo Povo póde alagar o Navio. Vossa Alteza cuide que he Navio, e seu Povo agua; se lhe apertar com gastos, e serviços superfluos, assim como o sustenta, poderá tambem alagallo: he o Povo como hum cavallo: com o freyo*

se modera, e corre risco o Cavalleiro em apertallo muito: por desejos de recreação he de temer, que tomando o freyo entre dentes, faça desatinos: acorde-se Vossa Alteza destas comparaçoens. Deu-se o Principe por entendido, e desistio de seu pensamento.

Lindas comparaçoens, se nos aproveitarmos dellas! Quanto se ha gastado no mundo por recreaçoens, e quanto pelo mesmo se ha carregado o Povo! Olhem os que governaõ, que saõ Navios, que se lhes falta a agua para navegar, darão em seco; e se he muita, os alagará. A demasiada agua, e a muy pouca destroe os Navios. Se levantarem as vélas, póde ser que lhes faltem os marinheiros, e a meya sangrada darão em seco. Navio sem agua não faz viagem; e se quizerem navegar, fazer casas de recreação, fontes, touros, comedias, canas, e jardins, dem primeiro huma volta por seus Estados, Provincias, e Reynos; tomem fundo à agua, midaõ, ajustem as braças; reparem em as Aldéas consumidas, em as Villas despovoadas, em as Cidades ermas, em as Praças sem muros, e sem soldados; as fronteiras abertas, os portos dos mares sem fortificação, nem guarnição, e ficarão persuadidos, que não ha agua para navegar.

Não menos necessitava Domiciano de se lhe referir, que o Imperador Fayzung fez juntar materiaes para fabricar huns sumptuosos Palacios, e pensando depois sobre seu intento, e consultando-o bem com a sua almofada, rompeo em as palávras seguintes: *O Imperador fũ dando sabida as aguas, que em seu tempo tinhaõ alagado a terra, trazia milhares de homens occupados em aquella trabalhosa obra, com tudo nenhum se queixava, porque o proveito era commum a todos.* O Imperador Chin levantou huns Palacios à custa dos vassallos, que se queixavaõ, e gemiaõ muito, porque o proveito era só do Imperador, e não do

Povo. Eu, vendo exemplar tão fresco de meu antecessor Chin, ainda que tenho junto todo o necessario para lavar Palacio, desisto do meu intento, e dou fim ao desejo, que tinha desta nova fabrica. Sabião pelos vassallos o discurso, que o Imperador havia feito, e a determinação, que havia tomado, se entregaraõ tanto, e de tão boa vontade a seu serviço, que com seu trabalho se augmentou muito o thesouro Real, e o bem commum.

Ah homens, ah Ministros deste tempo, que para passardes esta miseravel vida, vos não contentais com hum, nem dous Palacios, ainda que tenhaõ jardins, e varias recreações! Tomay exemplo daquelle pagaõ Imperador, e lembrevos o que traz o

*Una dies nostræ suprema brevissima vitæ,
Est etenim fini proximus ille dies.*

Os Egypcios chamavaõ ás casas dos vivos diversorios, e ás sepulturas casas perpetuas; e adverte Santo Thomas no cap. 23. num. 4. do Genes., que a primeira terra, que se comprou no mundo, não foy para fabricar casas,

*In quibus hant vivas, moriaris, at in quibus ædes,
Paule, struis; tumulum nescius, anæ domum?*

Que traduzio D. Francisco de la Torre na fórma seguinte:

Casa fabricas, Paulo anciano, bella
Para vivir? Para morir en ella
Tu vejez assegura;
Dime construes casa, o sepultura?

E proseguio nesta addicção tão copiosa, como erudita:

Paulo, en tu casa nota si concuerdan
Mil circunstancias, que el morir te
acuerdan,
Planta fixos umbrales, caso fuerte!
Quién está a los umbrales de la muerte!

Fasciculus temporum pag. 4. in prima etate: que dizendo Deos a Matusalem, tendo este já quinhentos annos de idade, que se quizesse, fundasse casas, porque ainda viviria outros quinhentos, lhe respondeo: *Para tão pouco tempo não me quero Senhor cantar em fazer casas; que são quinhentos annos de vida para occupar-me em fazer casa?* E vós para vinte annos quereis quinhentos Palacios. Para huma vida, e hospicio de peregrino não he necessario tanto. Para huma vida, que não tem mais duração, que a de hum dia, como disse Wem, para que he necessario gastar muitos annos em fabricar-lhe hospedagem tão custosa:

mas para sepultura, e sepulchro; e por esta razão, vendo o Poeta Wem a hum empenhado na fabrica de hum edificio, lhe perguntou se levantava casas para sua vida, ou se erigia sepulchro para sua morte:

Armas para el lintel previenes franco,

Y en tus canas la muerte tira al blanco.

Jardin previenes, frutos, y verdores,
Quando marchitas son todas tus flores.

Tus balcones alquila la cordura,
Para ver como corre tu locura.

Tantas vidrieras a tus flacos ojos
Solo pueden servir, de que? De antojos.

Porque tantos balcones, si tyranna
La muerte se ha de entrar por la ventana?

Para que tantos quartos, se oy agora
Temes que en cada quarto dé tu hora?
En

En corredores fia tu esperança,
 Y es corredor el tiempo, que te alcança:
 Bobedas hazes frias, y nocturnas,
 Y el nombre no te acuerda de las urnas?
 Los hierros, que en mil rejas se fabrican,
 Las prisiones da Parca no te indican?
 Que ion las torres, la attencion repara,
 Para mirar tu viento en lo que para.
 En tu Alcoba es forçoso detenerme,
 Para notar tu olvido como duerme,
 Quando el ladrillo al passear te avisa,
 Que es tierra ya lo que tu plâta pisa,
 Pues en essa eicalera, que trabajan,
 No vés que quantos suben, tantos baxan.
 Las chiminéas copian tu error fumo,
 Abaxo la ceniza, arriba el humo.
 Porque con tal desvelo
 Cierras con tanta texa el passo al Cielo?
 Si tan presto, ó decrepito imprudente,
 Tendrás tan solamente
 (Desnudo Job) el horror de humano,
 Manjar de hambriento roedor gusano,
 Que la miseria de tu horror descubre,
 Por techumbre una losa, que te cubre?
 Y alfin, Paulo, que importa,
 Que anchurosa, o que corta
 Tu casa esté, ya antigua, ya moderna,
 Tambien fundada, que parezca eterna,
 Si en successivo dueño azia adelante,
 Para los otros queda lo constante;
 Y parati en un dia (ò fuerte escasa!)
 Llega la muerte, y caese la casa.

Porém não he isto o de que mais nos queixamos: o que mais he, está em que vós, que cabeis (antes de seres Ministros) talvez em huma pobre ca-

bana, achais ao depois para vossa habitação curto o mais largo Palacio; e não tendo antes muitas vezes hum real para comprares huma fardinha, depois fabricais Palacios, fundais Quintas, e instituis Morgados; mas esta magnificencia das vossas obras he tão afrontosa, como aquella de Rhódope, escrava celebre, cuja formosura triunfadora de muitos Principes, e Reys, erigindo huma excelsa pyramide de vergonhosas ganancias, ostentou ao Ceo sua ignominia.

Cada vez que vemos hum edificio destes, nos lembra, que lemos em os Annais da China, que fabricando hum Mandarim hum monte artificial com grandes gastos, e cansaço do Povo, banqueteu hum dia nelle aos demais Mandarins, os quais ficaraõ admirados da obra, e fabrica nova, e só hum baixava a cabeça triste, e carregada: perguntou-lhe o Senhor da obra a causa; e lhe respondeo: *Companheiro, eu não tenho olhos para ver hum monte feito de sangue, e suor. Monte de sangue, e suor (disse o outro) he este monte? Sim (lhe replicou o outro) porque vi, e ouvi, que obrigaveis os pertendentes, que obrigados da necessidade, que tinhaõ do vosso amparo para os seus despachos, huns davaõ prata, outros materiais, outros trabalhavaõ sem se lhe pagar; e se se lhe pagava, era o que vos queris, e as quicixas chegavaõ ao Ceo; pois como me podereis estranhar, que chame a este monte, monte de sangue, e suor? E não devia ser tão endurecido este Ministro, como os de hoje, ou não tinha ainda a consciencia tão calejada, porque diz a historia, que disse: Desfaça-se logo, cheyo de sentimento, desfaça-se logo, e arraze-se todo; não fique pedra sobre pedra, nem final deste edificio. Eu mandey fazer monte de recreação, e não de extorsão: monte de tanto sangue não he de recreação, senão de escandalo para todo o mundo: até os fundamentos se hade desfazer.*

Bem vemos, que nos dizem: para que nos cançamos em persuadir, que os Ministros sejaõ magnificos, se a magnificencia, como temos dito, só póde caber no peito de Principes soberanos. Mas sem embargo da duvida, concluimos esta Lição, em que os Ministros devem ser magnificos, porque os Ministros ajudaõ aos Principes, e levaõ o pezo do governo; e assim como os Principes devem ser magnificos para acudir, e remediar os vassallos, assim os Ministros piedosos, e amantes de seus subditos, devem nas occasioens de necessidade soccorrellos, dispendendo com elles as riquezas, que possuem. Os Ministros, e principalmente os Conselheiros, estaõ obrigados a aconselhar os Principes, que sejaõ magnificos; e mal podem aconselhar a virtude da magnificencia os que ignorarem as regras della. Quanto mais; porque supposto que a magnificencia seja virtude propriamente de Principes, tambem póde haver pessoas particulares, que possaõ ser magnificas. Sejaõ as obras dos particulares taõ grandes, como uteis, e decorosas ao bem publico, que logo teraõ os particulares virtudes de Principes. Bem poderá a fortuna fazer, que os Principes naõ sejaõ magnificos, mas nunca abrangerá a tirar, que o particular, que se porta com o publico como Principe, deixe de ser magnifico. Naõ consiste o ser magnifico em ser Principe, mas em fazer obras magnificas, e em obrar tudo o que fizer magnifica, e esplendidamente, como ensina *Aristoteles lib. 4. Ethicor. cap. 2.* Paulo Emilio mereceo este louvor, que em qualquer cousa, que obrasse, ou fizesse, a obrava, e fazia magnificamente: admiravaõ se os Gregos de que hum entendimento applicado a cousas grandes, fosse taõ intelligente em as mais miudas, aos quais respondia, que era huma mesma arte o ordenar bem huma batalha, e huma mesa; a-

quella para fazer-se temer dos inimigos, e esta para fazer-se amar dos Cidadãos.

L I Ç A M XII.

Da Liberalidade.

Bem vemos, que esta Lição pertence à quarta Palestra do nosso assumpto, ou à quarta virtude das Cardeais, a Temperança, de que he parte esta virtude; mas como a magnificencia, e liberalidade tem entre si tanta similitude, que muitas vezes se equivoca o vulgo ignorante, dando nome de liberal ao que he magnifico, e pelo contrario o de magnifico ao que he sómente liberal, nos pareceo tratarmos della neste lugar, ainda que pervertamos a ordem, para melhor instruirmos ao nosso Ministro, que queremos mais pratico moral, que Philosopho especulativo. Varias definições tem a liberalidade, porque Santo Thomaz a define: *Huma virtude, ou acção de hum animo nobre, que generosamente dá o que tem sem esperança de recompensa, nem correspondencia: Motus quidam animi faciens, & approbans liberas largitiones sine spe retributionis.* São Lourenço Justiniano a define: *Huma virtude moderadora do affecto humano, em dar, e receber as riquezas, sem outro motivo mais que a honestidade!* Das quais definições se colhe a differença entre a liberalidade, e magnificencia; porque ainda que estas virtudes pareçaõ em tudo semelhantes, distinguem se entre o mais, e o menos, que naõ varia totalmente a especie das cousas, assim como o Gigante, e o Pigméo; e pelos fins, e objectos de huma, e outra, que saõ entre si diferentes. Porque huma soccorre as pessoas particulares com dadivas de dinheiro em suas necessidades, dentro de certos termos; a outra faz reiplandecer a magestade com publicas obras, benefici-
cios

cios memoraveis: aquella se mede pelo animo, e pelas pessoas com proporção Geométrica, esta com a medida Phisica da quantidade, e corpo da obra. Em a mais pequena choça póde entrar huma liberalidade grande; porém a magnificencia de ordinario não entra senão em Palacios Reais; porque mais liberal será hum pobre, dando huma quantidade curta com animo grande, que hum rico, dando huma grande somma com animo curto. Mas na magnificencia não he o animo, o que faz grande a obra, se ella não he em si mesma nascida de pessoa grande; e porisso nem todo o liberal póde ser magnifico, porém todo o magnifico póde ser liberal; porque quando huma pessoa grande faz obras grandes, se deve chamar magnifico, e não liberal; e quando faz obras medianas, se deve chamar liberal, e não magnifico. A liberalidade finalmente at-

tende ao bem dos particulares, e a magnificencia ao publico; e assim dar grandes dadivas aos particulares, será liberalidade, e fabricar grandes obras, ou dispender grandes beneficios em utilidade do publico, será magnificencia.

Entre todas as morais virtudes não ha nenhuma, que grangee aos homens a prenda de bem visto, como a liberalidade, nem nenhuma, que mais lhe roube os coraçoes com violencia, como escreve *Santo Ambrosio de Offic. : Liberalitate, qui utuntur, benevolentiam sibi conciliant, & charitatem.* E por esta razão não ha Politico, que não ponha os hombros em persuadir com toda a efficacia, e encarecimento esta virtude a todos; como se póde ver em Ovidio, aonde no *lib. 2. de Arte amandi* se achão os seguintes versos:

*Munera, crede mihi, placant hominesque, Deosque,
Fletitur iratus Jupiter ipse datis.
Quid faciet sapiens, stultus quoque munere gaudet,
Ipse quoque, accepto munere, mitis erit.*

Com que concorda Wem, quando escreveo os seguintes Epigrammas:

*Est homo, qui locuples inopi nihil donat amico,
Qui rapit hic, lupus est, qui dat, ille Deus.
Accipere humanum est, inopi dare Deorum.
Nunquam tam paucos credo fuisse Deos.
Cui bona multa Deus concessit, plura requireret,
Nisi dispensarit, quas bene cepit opes.*

E principalmente aos Principes, e com hum Principe he ser liberal, como razão; porque a acção mais digna de disse Wem:

*Iustitia, & charitas dilecti Principis artes,
Hæc sunt arma, quibus nulla nocere queunt*

Razão porque disse *Patricio no lib. 2. de Regno*, que conseguiaõ os Principes por força da liberalidade, o que nem por armas, nem por força podiaõ conseguir: *Multa per divitias, & liberalitatem plerumque Reges a-*

gunt, quæ vi, & armis nequaquam assequerentur. Perguntado Mercurio, que cousa convinha mais a hum Principe? Respondeo, que possuir muito, e dar muito; e consultado Sócrates sobre a mesma materia, respondeo,

pondeo, que havia ser mais amigo de dar, do que receber; porque como se lê no *cap. 20. dos Actos dos Apostolos*, maior bemaventurança he dar, do que receber; e o mesmo sentio *Tulio*, quando disse: *Melius beneficiis imperium custoditur, quam armis*. E talvez que esta fosse a razão porque sendo perguntado *Demósthene*s, que cousa fazia aos homens mais semelhantes a Deos? Respondeo, que o ser liberal.

Desenganem-se os Principes, que sem esta virtude nem merecem o nome de Principes, nem terão vassallos virtuosos; porque quem tira o premio do suor, também tira o desejo de pelear; *Qui tollit sudoris præmium, frangit studia dimicandi*. E não ha cousa, que menos sofrimento mereça, que ver os premios, que se devem ao difvelo dos sabios, possuidos

pelo descango dos nescios, como disse *Xenophonte*: *Magna imminet bonis desperatio, cum ad ignaves se præmiis discretos non adspiciunt, & qui se periculis, & laboribus objiciunt, cum subterfugientibus pari ratione haberi*. Em evidente perigo de ruina total está o Reyno, e a Republica, no sentimento de *Euripedes*, aonde o sabio, e ignorante, o soldado, e o payfano correm na distribuicão do premio igual parelha: *In hoc pereunt multæ Reipublicæ, cum qui bonus, & strenuus est vir, nihil plusquam ignavus fert præmii*; porque no juizo de *Ovidio lib. 7. de Ponto* entre mil a penas se achará hum, que viva contente em ter por premio de sua virtude a mesma sua virtude; e que senão arrependa de haver sido, ou na guerra valoroso soldado, ou na paz sabio, e inteiro Ministro:

*Non tamen invenies multis in milibus unum,
Virtutem pretium, qui putet esse sui.
Ipse decor recti facti, si præmia desint,
Non movet, & gratis pœnitet esse probum.*

Porque o Povo, e vulgo ignorante não cré na virtude, que observa sem premio; e porisso ainda que a virtude seja premio de si mesma, com tudo, assim como a alma, que anima o corpo, não necessita de mantimento material para si mesma, delle carece para que se conserve o corpo, a que está unida; também o homem dotado de virtudes, supposto que para si não necessita de mais premio, que o que tem nessa mesma virtude, com tudo para ornamento dessa mesma virtude, gloria da Patria, esplendor da familia, consolação dos amigos, confusaõ dos desaffeicoados necessita de premio, como escreveo *Eusebio lib. 2. cap. 19. part. 1. Theolog. Politic: Profecto non ambigimus uberrimum virtutis præmium, fructumque ipsam esse virtutis possessionem, sed quemadmodum anima corpus hoc habitat, cibi*

materialis indiget, non propter se ipsam, quæ cibo æthereo vescitur, sed ut sibi advinctum corpus sustentetur: Sic homo virtute præditus non propter se ipsum, sed propter patriæ, familie, consanguineorum, amicorum, denique propter ipsius virtutis gloriam, ne scilicet in se ipsa eadem virtus debito fulgore, ac pulchritudinis suæ ornamento destituta comparat, hoc honoris signum concupiscit.

Naõ he crível o amor, que grangea hum liberal; não ha caminho mais lhamo, mais facil, nem mais seguro para ganhar os coraçoes, que a liberalidade: sentio-o assim *Aristóteles*, que nos deixou escrito no *lib. 1. das Eth. cap. 1.*, q desejando pensar meyo para vencer os animos, depois de haver estudado muitos, não topara maiores feitiços que o dar. Bulque cada hum invençoens com que assegurar

rar seu gofio, seu estado, e vida, e por mais que nisto se desvele, não as achará senão em casa da liberalidade. Não costuma só hum liberal quebrantar penhas com as suas dadivas, mas com ellas vence, e abranda os duros, aiperos, e feros coraçoes do mais soberbo Leão, do mais fero Tigre, e da mais indogmavel Onça, porque não ha animal, que não tenha respeito, e amor a quem o sustenta, como escreve São Basilio.

Não só compra a liberalidade os coraçoes, e liberdade dos mais afeiçãoados; mas o que mais he, que não ha caminho tão certo para tapar a boca de amigos, e inimigos, como he fazer bem a todos. Dito foy de Pio II. que com as dadivas, e liberalidade se cobriaõ as taixas, que cada hum tinha, e com a escaceza se descobriaõ até as que não tinhaõ. Do Imperador Alexandre Severo escreve Lampridio, que em vendo alguma pessoa, com a qual não houvesse usado de sua Real liberalidade, como se lhe houvera feito algum agravo, a chamava, e com sentimento amoroso, e paternal lhe dizia: *Que razão tens para me não pedires nada; por ventura queres que eu seja teu devedor? Pede, que não quero,*

*Qui dare æternum durat, sequiturque daturum,
Dantem, & captantem munus uterque juvat.*

Entre as muitas cousas memoraveis, que teve aquelle primeiro Rey de Egypto, chamado Ptolomeo, foy huma o haver sido amicissimo de dar, e repartir com mão larga quanto tinha, com tanto excessõ, que o vieraõ reprehender como cousa demasiada seus amigos; porém elle não emendado com o aviso, respondeo com muita graça: *Que mais Real cousa era enriquecer a outros, que enriquecer a si.* Quasi o mesmo respondeo Anaxárxes, dizendo: *Que muito mais Real era accrescentar, e ajuntar, que tirar.* E Samnito, Marco Curio, e Fabricio di-

que lá particularmente te queixes de mim. Do mesmo conta Maximo, que sendo perguntado, quem fazia bem o officio de Rey? Respondeo: *Aquelle, que com dadivas conserva os amigos, e gran-gea a benevolencia dos inimigos.* Cuidado, em que se empregou Agesiláo, que teve tanta industria em conquistar coraçoes, que em fim os venceo a todos dando, como refere Xenophon-te, não só aos amigos, mas com particular cuidado estudava vencer os inimigos, para o que em sabendo que algum lhe não era afeiçãoado, lhe dava algum cargo principal.

Não só rouba a liberalidade os coraçoes dos amigos, e torna em amigos os contrarios, mas ganha fama immortal aos liberaes, donde veyo a dizer *Estobeo Serm. 46.*, que era mais perduravel a fama de hum liberal, que os triunfos de hum vencedor, e muito mais louvavel, e illustre a acção da liberalidade, do que a da fortaleza: *Multò præclarior, & laudabilior beneficiorum, quàm tropheorum, multitudinem post se relinquere est.* Com a qual concorda Wem, dizendo, que a fama do que dá, se consagra á immortalidade:

Que mais queriaõ mandar a ricos de ouro, que viver cheyos delle, ganhando com o dadivofo a immortalidade de seus nomes. Quem conhe-cera agora ao Atheniense Ephialtes, senão fora sua liberalidade tanta, que Heráclides Historiador, tomando á sua conta dallo a conhecer no mundo, maravilhado de coraçãõ, e peito tão generoso, deixou escrito, que deixava lograr as suas herdades, e campos a muitos que o desejavaõ, sustentando-se dos frutos dellas. Como outro Simon, tambem Atheniense, aquelle tão celebre pela sua estupidez

em

em a mocidade; como por seu valor em a idade viril, idéa da militar fortaleza, e da liberalidade popular, que mandou derrubar as paredes da sua Quinta, para que servisse de recreyo publico, não logrando outro fruto, que a commua benevolencia. Deviaõ competir entre si Pomona, e Flora sobre não serem em aquella Quinta menos liberaes com o dono, que o dono com os Cidadãos. O Papa Alexandre V. era tão liberal, que costumava dizer: *Que quanto mais teve, tanto mais pobre viveo; porque havia sido Bispo rico, Cardeal pobre, e Papa mendigo.* Quem dissera bem de Herodes Sophista, pois só o nome basta para espantar os meninos, se o não deixara Rhodiginio louvado de liberal, dizendo delle, que sempre como fonte, estava dando aos que não tinhaõ, porque lhe faltava, e aos que tinhaõ, para que lhe não faltasse. Ainda que por muitas causas mereceo o nome de grande Fabio Maximo, não he menor a grande liberalidade, que usou com todos os cativos, que Anibal havia tomado; pois feito o concerto, e preço de cada hum com o Africano, e vendo, que o Senado se entretinha dias, e mais dias em mandar-lhe o dinheiro dos resgates, com muita largueza vendeo huma Granja, que sómente tinha de patrimonio, e pagou o preço da liberdade alheya. Mais cremos, que deu o nome de grande a liberalidade, do que as victorias a Alexandre, que sendo ainda mancebo, prevenindo-se-lhe a primeira empreza, deu todas as herdades paternas a seus Capitaens, e não querendo Perdicas, hum dos mayores, e mais sabio, admitir a melhor, que lhe offerecia, dizendo-lhe: *Pois que has de reservar para tua pessoa?* Lhe respondeo: *Que só reservava para si suas esperanças.* E conquistando mais terras para dallas, que para possuillas, veyo a ser idéa dos liberaes.

Ainda a mais passa a virtude da liberalidade, pois faz que receba mais o que he mais liberal; assim o disse Seneca: *Liberale est ferre beneficium, ut metere possis fructum.* Dar, e receber, não são duas couzas contrarias no liberal, nem porque receba afronta a liberalidade, se se considera seu fim; porque não recebe para reter, senão para poder dar. Todo o Artifice suppoem a materia do seu artificio, faltando ella, falta a arte: o ouro he a materia da liberalidade, como do Ferreiro o ferro. Quem dá, e nunca recebe, prestes lhe faltará que dar. O mar he fonte de todos os rios, mas elles se secariaõ cedo, se dando-lhes o mar sempre de seu cabedal, já mais recebesse de outros; e assim, dando, e recebendo, se faz aquelle circulo, e perpetuo movimento, que mantem o mar, e recrea a terra toda.

Bem entendia o quanto negocia com os vassallos huma mão liberal o Imperador Tito, o qual advertido dos seus, não fosse tão brando em dar a cada hum o que lhe pedia, respondeo, segundo refere Suetonio, que não convinha, que nenhum sahisse da presença do Principe triste: *Non oportet quemquam à sermone Principis tristem discedere;* do que tinha tanto cuidado, que escreve S. Jeronymo na carta ad Galat. cap. 6., que estando huma noite só, e acordando-se não haver feito aquelle dia merce a ninguem, disse depois com muito sentimento a certos amigos: *Que perdera aquelle dia;* o que ouvindo ler ElRey D. Affonso de Aragaõ, disse, dando muitas graças a Deos: *Pois não hey perdido nenhum;* porque nenhum se passava sem dar mostras de sua franqueza. Esta mesma condicão tinha o Imperador Galieno, cuja generosidade foy tanta, que como contaõ suas historias, já mais negou cousa, que se lhe pedisse. Mas porque o pedir he cousa vergonhosa para muitos, e hum genero de servidaõ tão miseravel,

vel, que alguns antes pegaráo a boca com a parede, do que fôgeitar-se a tal afronta, o Imperador Gordiano, como quem conhecia a fraqueza do coração humano, e largueza do proprio, não aguardava, que os seus lhes pedissem merces, mas informava-se das necessidades, que os outros tinhao, e sem cuidado dos que as passavao, as remediava. O mesmo fez o Grego Agefiláo, que entrando a ver hum amigo enfermo, e entendendo pelo discurso da enfermidade, que padecia necessidade, callando, lhe poz huma bolça de dinheiro, e se foy com grande diffimulaçãõ. Sobre todos os Principes do mundo conheceraõ melhor isto os nossos Serenissimos Reys, cuja liberalidade para seus vassallos, amigos, e inimigos, podia dar materia para largos escritos, mas porque a brevidade, com que escrevemos, nos não dá lugar a huma relaçaõ taõ extensa, fazemos só mençaõ de hum Rey D. Diniz, que escureceo tanto a liberalidade de Alexandre, que fez que se trocasse aquelle geral aphorismo: *Liberal como hum Alexandre*, em *liberal como hum D. Diniz*: hum D. Pedro, que dizia: *Que não era digno de reynar, o que não fazia todos os dias merces a seus vassallos.*

Por estas razoens convem, que o Ministro seja liberal; para que seja bem visto de seus subditos, amado delles, e crie boa fama, que escreve *Salomão no cap. 22. dos Proverbios*, que he muito melhor que muitas riquezas; e vale mais huma boa graça, que toda a prata do Potosi, e todo o ouro de Ofir; e principalmente os Ministros, a quem for necessario adquirir avisos, e noticias para melhor satisfazerem as obrigaçoens de seus officios, não acharão meyo, que melhor lhas negocêe, que a liberalidade: nem os Militares poderão descobrir caminho mais seguro para conseguir victorias, e renderem Praças, que o de serem liberaes com seus soldados. Cienvu, Capitaõ

General do Imperador da China, estava em o Reyno de Chocon com hum poderoso exercito, e nevando hum dia, se acordou o Imperador do trabalho, que padeciaõ seus soldados, e disse: *Que esteja eu em meus Palacios vestido de sedas regalado, e meus soldados recebendo na campanha tantas copas de neve, e por ventura que muitos não terãõ com que vestir-se! Não he isto razãõ.* Dito isto, fez ajuntar grande numero de pelles, e vestidos, e dinheiro, e os mandou ao exercito repartir entre os soldados, os quais alegres da liberalidade, e lembrança de seu Imperador, lhe ganharaõ repetidas victorias, e se juramentaraõ de morrer, ou vencer. Não se póde duvidar, cresce muito o animo em os soldados, que experimentaõ semelhantes lembranças.

Todo o liberal deve guardar nesta virtude estas regras: primeira, proporcionar a dadia a qualidade da pessoa de quem a dá, e de quem a recebe, como escreveo Tulio: *Pro dignitate cujuscumque tribuendum est*; porque em se guardar esta correspondencia, consiste esta virtude. Não basta, que o liberal olhe só para si para medir a dadia, nem para o outro para repartilla: a ambos igualmente ha de olhar. Nem ha de ser como Alexandre, que pedindo-lhe hum soldado huma merce, lhe deu huma Cidade; e replicando-lhe, que não cabia tamanha dadia em sua fortuna, lhe respondeu, como escreve *Seneca de Beneficiis*, que não attendia ao que convinha, que hum soldado recebesse, mas que respeitava ao que era decente, que hum Alexandre désse. Não permite a equidade, que huma Cidade conquistada com o sangue de muitos seja premio de hum só. Nem como hum Antígono, que pedindo-lhe hum Philosopho hum talento, lhe respondeu, que era muito para hum Philosopho; e pedindo-lhe dous quartos, que era pouco para dar hum Rey,

porque não devia distinguir ao Philoſopho de Rey, para não lhe dar nada, mas devia olhar para hum, e outro, proporcionar a dadiva de maneira, que nem fosse curta para hum Rey, nem grande para hum Philoſopho.

Segunda, que não dê tudo a hum só, porque deve o liberal fer como o pay de familias, que reparte as dadivas entre elles dentro dos merecimentos de cada hum. Como Lavrador, que antes que entregue a semente à terra, considera ſua qualidade, e condição, para conhecer a quantidade da semente, que lhe póde fiar, e ainda a qualidade, para que corresponda com melhor fruto. Como Pastor, que conhece, que as hervas, que tiraõ a vida a huns animais, e a daõ a outros. Como Medico, que a diferentes enfermidades applica diverſas medicinas em quantidade, e qualidade. Conta *Ilbescas na 1. part. da Hist. Pontific. lib. 5. cap. 39.*, que antes de ser Pontifice Clemente IV. foy casado, e teve duas filhas, de huma das quais teve hum neto, ao qual ſeus officiais datarios, ſem elle o ſaber, deraõ quatro beneficios ricos; e ſabendo-o depois o avô, mandou que lhe tirassem os que lhe parecesse, e que o deixassem só com hum; e por mais que lhe rogaraõ, que ſenaõ houvesse com o neto com tanto rigor, respondeo: *Naõ he razaõ que tenha mais respeito à carne, e ſangue, que a Jezu Christo. Deos quer, que os bens da Igreja ſe repartaõ, e ſenaõ dem juntos a hum, e ſe gstem em obras pias, e não em fazer bem a parentes.*

Terceira, que o Principe seja liberal com os ſeus vassallos, o Ministro com os ſubditos, e os de mais com os patricios; porque ſe devem haver os Principes com os vassallos, e os

Ministros com os ſubditos como o mar, que ſe reparte muitas aguas pelos rios, muita torna a receber delles. Como a terra, que ſe recebe beneficios, paga-os com ufuras. Quem ſemêa em campo alheyo, não só não recolhe frutos, mas perde a ſemente: da meſma sorte o que faz beneficios a eſtranhos, não só os perde, mas, como diz Seneca, deſtroe aos ſeus: *Qui alienos nutrit, ſuos devorat.* E por eſta razaõ dizia Ageſiláo, que ao officio de hum bom Ministro pertencia o mostrar-se liberal, principalmente com aquelles, q̄ eſtaõ debaixo do ſeu governo, e mayormente aos que o houverem ſervido. Contaõ as hitorias Chincas, que foy muy lhano o Imperador Jaofú, e que como tal, ſahindo hum dia a ver-se com ſeus Capitaens, que eſtavaõ converſando, entre affavel lhes perguntou, em que materia fallavaõ? Respondeo hum: *Dizia-mos, Senhor, que havendo Voſſa Mageſtade ſubido de homem ordinario à dignidade ſublime de Imperador pelo valor de ſeus Capitaens, agora vemos, que os que premêa, ſaõ ſeus parentes, ſeus amigos, e o que mais he, aos Eſtrangeiros; e que fazendo-o aſſim, não pode eſtar ſegura a Coroa. E pois que remedio, ou meyo medais. (diſſe o Imperador) Que Voſſa Mageſtade (replicou o Capitaõ) ſe mostre liberal com os ſeus vassallos, e não com eſtranhos; que reparta ſuas dadivas por todos ſem respeito, amizade, ou parentesco, e nella tenha a mayor parte, o que teve mayor merecimento.*

Quarta, que dê com preſteza, e com alegria; porque o beneficio, que ſe retarda, perde muito de ſeus quilates no agradecimento, como cantou Auſonio:

*Si binè quid facias, facias citò, nam citò factum
Gratum erit; ingratum gratia tarda facit.*

Que traduzio D. Francisco de la Tor-

re nas traducçoens de Cauſino, na maneira ſeguinte: Si

Si has de dar, dá luego; que haze

La gracia con modo vario,

Si veloz, agradecidos,

Y se pereçosa, ingratos.

Com elegancia discorreio sobre este ponto o agudo, e subtil engenho de D. Lourenço Ramires do Prado, o qual cõ subtileza fez obedecer às vozes Latinas a consonância da seguinte decima:

Si dat bis qui citò, ut scis,

Et semel qui dat paulatim,

Laurenti, si das statim,

Dando semel, dabis bis.

Que traduzida por D. Francisco de la Torre, diz o seguinte:

Si dá dos vezes con creces

Quien dá luego; y una el tardo,

Tu si dás luego gallardo,

Dando una vez, dás dos vezes.

E Erasmo affirma, que o que dilata o beneficio, parece que o não dá com boa vontade: *Invitus videtur dare qui cunctatur*. Sendo certo, que o beneficio mais obriga pela vontade com que se dá, que pelo que se recebe; donde veyo a dizer Seneca de Beneficiis, que mais obriga o liberal dando pouco com bom rosto, e com presteza, que dando muito com vagar, e com má cara; porque este perde o tempo,

*Quis citò, vel belle negat, is tribuisse videtur
Munera; nam semper est odiosa mora.*

Quinta, que não dê a gente viciosa, ou infame; porque assim como o ouro se envilece, e rende seu resplendor com a liga de outros metais, assim a dadiva contrahe a má qualidade das pessoas, que a manejaõ; e por esta razão não he liberal o que gasta com pessoas indignas, com truhaens, e lisongeiros; como escreveo Santo Ambrosio *Officior. lib. 1. cap. 1.*, e assim o entendeo Tulio, o qual disse, que o bene-

e o argumento de huma vontade amigavel. Não he dadiva o que se compra; e hum animo ingenuo nada compra mais caro, que aquillo que lhe custa rogos enfiangentados; e por esta razão dizia Tulio, que antes queria comprar, do que pedir, avaliando por mais barato o que se compra, do que o que se pede: *Malo emere, quàm rogare*. E Cassiodoro escreveo, que era mais honesto negar logo, que prometter em termo dilatado; parecer, que já tinha seguido Seneca, dizendo, que se engana menos aquelle, que não vive de esperanças da promessa: *Minus decipitur cui celerius negatur*. Mais dá o que logo dá hum defengano, do que o que promette. Chegou hum vassallo a pedir huma merce ao seu Principe, e defenganando-o logo o Principe, se ajoelhou o vassallo, e beijou a mão, rendendo-lhe as graças pela merce: reparou o Principe, e lhe disse: *Se vos não fiz merces, porque me dais agradecimentos?* Replicou o vassallo, dizendo, que não era pequena merce a que lhe havia feito em o defenganar tão prestes, porque poupava os gastos, que havia fazer, se tivera aquelle despacho as demoras, que costumão ter nas Cortes; e por isso disse Wem, que era certo genero de favor, o negallo com de fengano sem demora:

ficio feito a pessoa indigna, não era obra de virtude: *Benefacta malè collocata, malè facta sunt*. E Orfinoes, que vindo visitar ao grande Alexandre, fez presentes de cousas ricas aos principais Capitaens, e entre os muitos queridos deste Monarcha havia hum chamado Bógoas, com quem se aliviava mais do que devia; e quando viraõ os de Palacio, quanta liberalidade Orfinoes usava com todos, e que só daquel-

le não fazia caso, pensando ser descuido, e inadvertencia, lhe differaõ, que regalasse com alguma cousa a Bógoas, porque daria nisso particular contentamento a Alexandre; porém Orfinoes como era avisado, e não queria empregar suas dadivas em gente infame, dando à cabeça, e com desprezo de palavras disse: *Se Alexandre gosta deste meyo mulher, eu não me prezo de vello.* Verdade he, que bem póde o liberal foccorrer ao vicioso, que chegou a estado miseravel; esta será outra virtude do liberal, mas não será a virtude da liberalidade. Conta *Laercio lib. 5. cap. 1.*, que perguntando hum discipulo a

*Quas Christi causa miseris donabit egenis,
In caelo aeternas conciliabit opes.*

*Nullum maius lucrum erit, quàm pascere egenos,
Fænore nam grandi centupla dona ferēs.*

Certo he, que se dá por muitas vezes a quem o não ha mister, deixando-se, e esquecendo-se dos necessitados; e assim como deitar agua no mar, seria de pouco fruto, e menos agradecimento; nada menos he dar aos que não necessitaõ, vay fóra de todo o concerto, e regradar; pois em boa razaõ a liberalidade suppoem fugeito necessitado, como a esmola ao pobre. Disto advertio *Plinio Menor* escrevendo no lib. 9. a seu amigo *Genunio*, dizendo-lhe: *Sabey, que o ser liberal está em dar à Patria, aos parentes, aos amigos, e não a todos os amigos, mas aos necessitados, porque ha muitos, que daõ a outros, que podem dar, e isto não he liberalidade, mas prodigalidade; não he virtude, mas vicio.* Dar a quem tem, acção he, que tem por fim a vangloria; e beneficio, que se faz com este fim, não he effeito da liberalidade; porque segundo *Seneca*, com a liberalidade não se póde ajuntar o vicio da vangloria: *Ea liberalitas probanda est, quæ sine periculo aestimationis est.*

Setima, que se dê dentro das forças dos bens; advertencia, que nos dei-

Aristóteles, porque razaõ havia dado dinheiro a hum homem pobre, conhecido publicamente por vicioso, e infame? Respondeo: *Não lhe fiz bem por bom, senão por homem;* querendo dizer, que dar a gente vil, quando são pobres, não he liberalidade, senão humanidade, e divida natural. A bons, e máos dá Deos. Para huns, e outros nasce o Sol. O mar até para os pyratas está patente.

Sexta, que a exercite com os mais necessitados, como ensina *Cicero lib. 2. Offic.*, porque assim alcançarão eternos beneficios, como cantou *Wem*:

Seneca de Beneficiis, dizendo: *Tende cuidado, que as dadivas não excedaõ as vossas posses;* para que senão figa à liberalidade a rapina; porque he certo, que dando mais do que podeis, vireis a necessitar, e como porque destes tendes necessidade, vireis a meter a mão no alheyo, e grangeareis mais odio daquelles a quem tirares, do que amor, e favor, daquelles, a quem destes. Ha-de o liberal medir as dadivas pelos bens, sabendo, que a liberalidade não consiste em dar muito, mas em dar com grande animo dentro das suas forças. Não prohibe o ser liberal a dadiva pequena, quando as forças são ténues.

Oitava, e ultima, que senão desfrutem os beneficios, e dadivas, que se daõ. O ouro, as pedras preciosas, e todas as mais dadivas não tem valor algum, senão he pela intenção com que se daõ; porque como o dom não he outra cousa mais que hum final visível do animo, que não se vê, vem a ser, que tal he a dadiva, tal he o animo com que se dá; e assim o que dá com animo de desfrutar, não dá com ani-

animo liberal, mas com animo ambicioso; e deste genero são todas as dadas do mundo neste seculo, e principalmente as que se offerecem aos Ministros, que se devem haver com estas dadas como Fabricio o pobre, que quando vio diante dos olhos as ricas dadas dos Samnitas, perguntou, se os Samnitas davaõ outro tanto aos mais Cidadãos de Roma, e respondendo lhe os Embaixadores, que aquella era huma demonstraçõ do animo particular, e da estimaçõ, que os Samnitas faziaõ de sua pessoa, não quiz Fabricio, ainda que pobre, admitir as dadas, e accusou de suspeitosos aos que lhas davaõ. Olhou Fabricio, antes que às dadas, à intençõ dos Samnitas, para saber determinar se aquillo eraõ dadas, se laços; porque a mesma prata, que dada a todos igualmente, seria hum dom liberal, que honrasse a Republica, dada a elle só, lhe parecia hum avaro preço para comprar sua liberdade.

Concluimos, que os Ministros haõ de ser liberaes para grangear o amor dos subditos, honra, e fama, e para fugirem a avareza, achaque, que destroe as Republicas, assola os Reynos, enfraquece as Monarchias, como veremos na Liçãõ seguinte.

L I Ç A M XIII.

Da Avareza.

HAvendo visto na passada Liçãõ o que grangêa hum Ministro liberal, nos pareceo passar à presente, e mostra nella o q perde hum Ministro avaro, para que o nosso Ministro fuja deste vicio, que na opiniaõ de *Patrit. de Republica lib. 4.* mete em casa dos que go-

vernaõ, mayor odio, e aborrecimento do Povo, do que todos os mais vicios juntos.

Varias definiçoens tem a avareza, porque Santo Thomaz a define: *Hum desordenado amor de ter riquezas: Inordinatus amor habendi divitias.* Santo Agostinho de libero arbitrio: *Huma deshonesta, e insaciavel cobiça de qualquer cousa: Quarumlibet rerum inhonesta, & insaciabilis cupido.* E Aristóteles: *Huma ambiçãõ do animo, pela qual cresce o desejo de congregar todo o genero de riquezas.* Cicero: *Hum ardente desejo de riquezas.* Este he pois aquelle vicio, a que Demócrito chama: *Metropoli de todos os vicios.* Livio *Decada 4.* Assoladora de todos os Reynos. Cicero: *Peste do genero humano.* E Salomaõ no *cap. 7. dos Proverbios: o vicio mais infesto.* E daqui vem, que assim como o Inferno tudo devora, o avaro deseja, que não houvesse mais homem que elle só, para que possuísse tudo. He peyor o avaro, que as mesmas feras; porque estas em tanto roubaõ, em quanto não satisfazem a fome; mas o avaro, como não se satisfaz nunca, não deixa nunca de ajuntar, e tanto lhe falta o que tem, como o que deixa de ter; porque ou deseja para possuir o que não tem, ou teme perder o que possui, e tanto teme perder, quanto deseja alcançar, como diz Plutarcho: *Quod vehementer appetivimus, vehementer timemus omittere,* esperando na adversa fortuna sempre prosperidades, e temendo na prospera sempre adversidades; e como nem em hum, nem em outro tempo possui, lhe vem a faltar tanto o que tem, como o q deseja. E por isso entre a abundancia de riquezas vive miseravelmente, como cantou certo Poeta:

Omnis avarus inops servit, non imperat auro.

Que traduzio D. Francisco de la Torre: Es pobre el avaro en su thesoro,
Que el no manda en el oro, si ve
al oro. Naõ

Naõ podemos deixar de ajuntar aqui a definiçãõ, que da avareza escreveu o engenhoso Falcaõ em o fim de huma Satyra, que supposto seja exten-

sa, contem as propriedades da avareza, com bom estylo: diz pois Falcaõ fallando da avareza:

Est Dea jam senior, cujus pars maxima venter

Crescit in immensum, sed non saturatur edendo:

Ipsa rapax, occulata, vorax, hydropica pestis,

Æterna egrotat chiragra, æternaque podagra,

Non equitat, ne pascat equos pedes ire per ignes,

Per brumale gelu nudatis calcibus audet,

Si lucris spes ulla vocet: cum Lince, vel Argo

Contendit visu, sordet fœdissima vultum:

Pauperiem fugiens in paupertate moratur,

Quòque magis jungitur, tantò magis instat egestas;

Non habet hæc aures, olfata, sarda canino,

Investigat opes, & lucra latentia sentit;

Non oculis lachrymas, non exprimit ore salivas:

Stare timet, nam stare etiam jactura putatur.

Que traduzio D. Francisco de la Torre com a mesma elegancia:

Ay una vil Deidad, vieja, arrugada,
Estrecha enpecho, en vientre dilatada,
Que aunque voraz, más alimento tome,
Su hábre cruel afila en lo que come.
A todo arrebatada,
Y se quita a si misma, dura ingrata,
Lo mismo que athesora;
Hambrienta siempre, siempre tragadora,
Ciega con ojos, sin aliento harpía,
Peste incurable, hinchada hydropefia,
Padece con achaque de infiel nota
En su impedida mano eterna gota,
Y para el bien el mismo estorvo hallo
En sus piés, y aun asino vá a cavallo,
Que fuera a su miseria gran descu-
ento,
Al que la sustentara, dar sustento;
Mas si acaso con rica confiança
La avisa la esperança
Para algun logro, parco, o abúdante,
Se pone en pié al instante,
Y no escusa pizar con pié desnudo
La abrazadora llama, el yelo crudo,

Que azechando thesoros, que conquista,

De Argos, y Lince agudo ostenta vista,

Que en sus bienes no dulces, sino amargos,

Es Lince al descubrir, aguardar Argos.

De las sombras se afeea,

Sordida al trato, y al aspecto fea;

Huyendo en quantas traças apercibe

De la pobreza, en la pobreza vive;

Poseala en lo mismo que construye,

Y ella la sigue, quando más la huye.

Si a escuadriñar este vil monstruo lle-
go,

No tiene orejas, porque es sordo al ruego;

Pero en otro sentido exceder fuele,

Con olfato de can el oro huele;

Siente al investigarlo,

El que más hondo está para caçarlo,

Nunca en sus ojos el llorar la inflama,

Teme perder el llanto que derrama,

Yá más escupe (q es accion nociva)

Por no arrojar de si ni aun saliva,

Y teme el respirar como de sayre,

Porque en el respirar se gasta el ayre.

Deidade falsa chamou à avareza Alan-
de

de *Cont. nat.*, que obriga a rendimentos, por conservar sua adoração: *Avaritia est per quam in animis hominum deificatur pecunia, imò divinæ venerationis exhibetur authoritas.* Peste a notou *Just. Lips. Ep. 49. Duo humani generis pestes, ambitio, & avaritia.*

Muy proprio he de hum animo

*Hoc faciunt, quanvis hyemali sydere coelum
Grandinat, aut terras rabiosa canicula scindat;
Nam genus hoc hominum tamquam inviolabile nullas
Corporis ærumnas morborum, nulla moventur
Nomina, non mortem, paupertas sola timetur
Pro pœna nisi vita datur, quid durior illa.*

E continúa o tradutor no mesmo estilo:

Estó haze su desvelo

Aunque en Diciembre màs granize
el Cielo,

Y aunque rabiosa esparça enfurecidos

La Canicula en rayos sus latidos;

Que a estos hombres rebeldes invencibles

Yà màs los amedrentan las terribles
Del cuerpo en el afan penalidades;

No las enfermedades,

Ni de la muerte temen la aspereza,

Tan solo tienen miedo a la pobreza;

Es su vida su pena merecida:

Porque q̄ mayor pena, que su vida?

Adquiridas o molestaõ, e atormentaõ com os cuidados de conservallas; e perdidas o maltrataõ, e lastimaõ com penas, e dores intoleraveis de perdelas. He muito para considerar por huma parte o indutrioso socego

avaro o ambicioso desejo de adquirir riquezas, que naõ alcançadas o affligem, e molestaõ para alcançallas, naõ perdoando a nenhum trabalho para conseguir o fim de seus disvelos, como profegue *Falcaõ na Satyra*, dizendo:

do Pescador, que em dia sereno sahe em seu pobre barco com dous remos velhos a estender suas mal remendadas redes, e ficando sempre à vista do porto, sem perigo de tempestades, faz sua desejada preza, e alegre, torna com ella à sua cabana, donde em companhia de seus amados filhos, achã o esperado descanso de seu passado trabalho, e goza contente do adquirido pela industria de seus braços, livre das molestias, que causa o desejo de maiores bens; e por outra parte o ponderar a miseravel inquietação do avarento rico, que fazendo throno de suas riquezas, se assenta soberbo no meyo dellas, embarcado em huma poderosa, e forte náõ, que naõ menos chêa de riquezas, que de cuidados de seu dono, sahe do porto ao som de trombetas, e clarins, sendo-lhe a poupa cauda, ventre a carina, rosto a proa, azas as vélas, e com tudo huma ligeira ave:

*Puppis cauda, carinaque venter, proraque rostrum,
Vellæ, quæ sunt alæ, totaque navis, avis.*

E a estrondo de repetidas salvas de mar, e terra com vélas estendidas, vento em poupa, voa mais q̄ huma ligeira ave, com seu pezo immenso opprimindo as salgadas costas de Neptuno desde a Janeta à Gavia, representando

huma formosa, e florida Primavera com as diversas cores das bandeiras, flamulas, e galhardetes; sendo desde o Farol ao Garupés huma melodia; sahe do porto, e nella o avaro mais cheyo de ambição, e desejos de adquirir

rir, do que a mesma náó, como disse Horacio:

*Impiger extremos currit mercator ad Indos,
Per mare pauperiem fugiens, per tela, per ignes.*

E Juvenal no lib. 5.

-----aspice portus
*Est plenum magnis trabibus mare, plus hominum est jam
In pelago, veniet classis quocumque vocavit
Spes lucri, nec Carpat hium, Getulaque tantum
Æquora transiliet, sed longè carpet relicta,
Audiet Herculeo stridentem gurgite Solem.*

Porém em meyo deste immenso pégo de delicias, e de cuidados, e do curso veloz do volante lenho, se conhece, ainda que tarde, a violencia do encuberto, e não pervenido baixo, que em hum instante roçando de proa à poupa o miseravel navio, submerge

quanto foy adquirido em muitos annos, juntamente com a vida do miseravel avarento, que entre a vida, e a morte lutando já com o ultimo suspiro, conhece o engano de seus desejos, e o desengano, com que não menos verdadeira, q̄ agudamente cantou Wem:

*Per mare, per terras mercator queritat aurum,
Sic cæli æternas stulte relinquis opes.*

E ainda que a viagem seja feliz, e logre o avaro o desejado fruto de seu trabalho, transportando todas as riquezas para sua casa, não cessa o ambicioso cuidado de adquirillas; porque he proprio de hum avaro desejar tanto mais, quanto mais tem, como escreve Horacio lib. 2. Ode 2. & lib. 3. Ode 24., e por isso dizia Pio II. *Que nem o avarento se fartava de dinheiro, nem o homem douto de saber cousas novas.* He muy usada entre os Moralistas a metáphora do hydropico, que

quanto mais bebe, mais sede tem, e nenhuma se ajusta mais ao avaro, que quanto mais riquezas tem, mais appetece; e assim o deixou escrito Sallustio, tratando da conjuraçãõ de Catilina: *Avaritia pecuniæ studium habet, quam nemo sapiens concupivit. Ea quasi venenis malis imbuta, corpus, animumque verilem effœminat: semper infinita, insatiabilis est, neque copia, neque inopia minuitur.* E melhor Ovidio:

*Creverunt & opes, & opum furiosa cupido
Et cum possideat plurima, plura petunt.
Sic quibus intonuit suffusa venter ab unda,
Quo plus sunt potæ, plus sitiuntur aquæ.*

E Alciato Emblema 85.

*Septitius populos inter ditissimus omnes
Arva senex nullus quo magis ampla tenet.
Defraudans geniumque suum, mensasque paratas
Nihil præter betas, duraque rapaverat.
Cui similem dicam hunc inopem, quem copia reddidit?
An ne asino? Sic est; instar hic ejus habet,
Nanque asinus dorso pretiosa obsonia gestat,
Seque rubo, aut duro carice pauper alit.*

Os Medicos daõ tres especies desta enfermidade; a primeira chamaõ Aicites, à segunda Anazarcha, à terceira Timpanitis; e todas tres convem em caular a mesma paixã, que assentaõ ser incuravel, quando he inveterada; e o mesmo succede a avareza envelhecida. A unica cura com que costumãõ farar alguns, he a Paracentesis, que he huma subtil incisaõ de toda a pelle do ventre, por onde sahindo a agua que os incha, pouco a pouco cobraõ saude, ainda que muitos morrem: assim os avarentos, a quem a justiça, ou os ladroens tiraõ os seus taleigos, se tornaõ a Deos, e curaõ sua cobiça; porẽm os mais deles morrem desesperados.

Todos os vicios desta vida tem seu termo, todas as paixoens seus periodos; porque a Luxuria tempera-a

a idade; a temeridade o perigo; a ambiçaõ o escarmento; a prodigalidade a penuria; a colera a paciencia; a covardia o exemplo; a soberba o abatimento; a arrogancia o desprezo; a jactancia o vituperio; a vangloria a desestimaçaõ; ao despejo o rizo; à inveja o desagrado; mas a avareza he mal incuravel, cresce com os annos, e com elles envelhece, e morre com seu dono, segundo *Aristoteles no lib. 4. das Ethicas cap. 1.*, que amontoando annos, e dinheiro, accrescenta cuidados. Naõ he possivel ver-se o mar sem ondas, nem o avaro sem cuidados, e perigos, porque antes de compor os primeiros, já o acometem os segundos de adquirir; e ainda que podera, e devera satisfazello a abundancia, naõ repoufa:

Fervet avaritia, miseroque cupidine pectus.

E por mais que recebe, cuida de novo do quanto por cento dá a seguraguarda de seus taleigos, e de livrallos da subtil invasaõ dos ladroens, vivendo sempre atormentado da suspeitosa fidelidade de seus criados, da desconfiança de seus proprios filhos, e mais chegadõs herdeiros, e estudando

Crescit amor numi quantum

Naõ ha enfermo mais incuravel, que o que naõ pede cura; nem maior enfermidade, que a que naõ se conhece; e esta padece o embebido avarento; por quem disse o Psalmista, que tem ouvidos, e naõ ouve, olhos, e naõ vê; porque vive taõ absorto, e transportado em o maneyo de seu dinheiro, que nem ouve, nem vê os perigos, que o ameaçaõ por todas as partes, e a que ordinariamente está sujeito o endinheirado. Nada o desperta de seu cobiçoso lethargo, nada o altera, nada o move, e o mais que padece, he ser insensivel seu proprio mal.

sempre em seus disfarçados roubos, que chama negocios, empobrece muitas honradas familias, e tal vez todo hum Reyno, e com adquirir sempre, nunca fica satisfeito; porque cresce o amor do dinheiro igualmente com o mesmo dinheiro:

ipsa pecunia crescit.

Tem-lhe o salteador o punhal nos peitos, e naõ se defende; ameaçaõ-no comprizoens, e açoutes, e naõ se diverte; vem-o cercando o fogo, e naõ o teme; atroaõ os trovoens, e abortaõ rayos, e naõ os ouve; o procelloso mar lhe traga sua fazenda, e naõ o sente. Que mais desgraçado, que aquelle, q ignora sua propria desgraça; nem que mais miseravel, que o que ama sua propria miseria? O ar, o vento, o fogo, o mar, e os proprios homens lhe saõ contrarios, e elle se fica immovel como estatua, embebido em idolatrar seu ouro; e o mayor

mal de todos he, que não pôde acordar-se de Deos quem à vista de tantos perigos senão acorda de si.

E o que mais he, que o avarento não goza de sua fazenda, e qual ou-

tro Tantalos, que vivendo entre as aguas, morria de sede, entre seus thesouros morre de fome; sobre que fez Alciato hum elegante Emblema:

Heu miser in mediis sitiens stat Tantalus undis,

Et poma escuriens, proxima habere nequit.

Nomine mutata de te edicetur, Avarus,

Qui quasi non habens, non fruere quod habes.

E o mesmo tinha já dito Petronio nos quatro verios seguintes:

Nec bibit inter aquas, nec poma fugacia carpit

Tantalus infelix, quem sua vota premunt;

Divitis hæc magnificies erit omnia latè

Qui tenet, & sicco concoquit ore famem.

E Cornelio Gallo:

Quid mihi divinæ, quarum si dempseris usum,

Quamvis largus opum, semper egenus ero.

Imò etiam pœna est partis incumbere rebus,

Quas cum possideas, est violare nefas.

Non aliter sitiens vicinas Tantalus undas

Captat, & appositis abstinet ora cibis.

He este o mais miseravel estado da avareza, e extremo grão da miseria; porque he o avaro verdugo de si mesmo

Et ut non egeas, Pontice, semper eges.

He hum avaro tão abortivo parto da natureza, que anaõ nos haver a experiencia dado a conhecer tantos, o tiveramos por monstro, e não por homem; porque quem vir a hum avaro vestido de vis bureis, por não gastar os vestidos, que em suas arcas lhe vay consumindo o bicho, estendido no chão como perro, e armado de huma barra, guarda dos bens, de que senão atreve usar, e tendo seus celleiros cheyos de trigo, suas pipas cheyas de vinho, e seus cofres de dinheiro, e seus campos de gados, e deixar-se morrer de frio, sede, e fome por não gastar, e ser tudo pouco para sua cobiça, sendo tudo sobrado para quem não o goza: quem não dissera, que era monstro, e não homem, porque este com animo generoso despreza as demasiadas riquezas, goza com tranquilidade

para que não necessite, sempre vive necessitado, como disse Urbano VIII.

de animo, e espirito sem tirar ao corpo seu devido sustento; porém o avaro, monstro humano, e mesquinho martyr do Inferno, inquieta cruelmente seu espirito para augmentallas, e atormenta miseravelmente seu corpo por não diminuilas. Ao homem nobremente rico faz ditoso o prudente uso de sua fazenda, e ao avaro avarentamente pobre faz desgraçado insolente aforro de seu dinheiro. Rico só se pôde chamar quem não deseja mais do que tem, pois lhe sobra tudo o que não deseja; e pobre aquelle, que com sua demasiada fazenda lhe falta tudo o que senão atreve a gastar.

Qualquer homem de juizo crerá facilmente ser a avareza mal incuravel para todo o curso da vida; porém não se persuadirá ninhum, que sua tyrannia possa passar sem remedio aos amea-

ços proximos da morte, se não ler a Horacio no *lib. 2. Satyra 3.* aonde refere, que hum rico avarento, chamado Opimio, opprimido de hum mortal lethargo, foy tido por todos por morto; e acudindo a chamar o Medico, o achou sem pulso, e quasi sem respiração, conheceo o perigo, e ordenou o remedio; trazido, e feitas as diligencias possiveis para despertar ao paciente, não o pode conseguir, nem movendo-o, nem gritando-lhe, com que se achou obrigado a remedios mais efficazes, mandando a seus herdeiros, que escalassem os cofres, e fizessem grande ruido com o seu dinheiro, como quem o partia: despertou ao som do ouro, e prata o misera-

vel, e disse: *Ainda vivo;* respondeo o Medico: *Sim, mas para não morrer, he necessario que tomeis esta bebida, que vos restaurará as forças, e recuperará a vida:* voltou o rosto Opimio, e perguntou quanto custava; e sendo-lhe respondido, que hum real, se deixou cahir na cama, dizendo: *Que importa mais morrer de meu mal, que pela cobiça de meus herdeiros, ou roubo do Boticario?* Espirou; donde se veyo a dizer, que o avaro só fazia bem em morrer; e por esta razão disse o mesmo Horacio no *lib. 1. Satyra 1.* que o avarêto em cahindo enfermo, não ha Medico que lhe assista; nem mulher, e filhos lhe desejem a vida:

babez qui

Affideat? fomenta paret? medicum roget, ut te

Suscitet, ac reddat natis, charisque propinquis?

Non uxor saluum te vult, non filius: omnes

Vicini oderunt, noti pueri, atque puellæ.

E se perguntarmos a hum avaro, que razão tem para que com tanto cuidado se desvele em adquirir, e conservar riquezas? dar-nos-ha tantas, e tambem córadas repostas, que parece q̄ concluem; porque não faltaó nunca pretextos com que disfarce os vicios com mascaras de virtudes, como disse

Seneca: *Negandi causa nunquam avaro defuit.* Dir-nos-ha, que a pobreza he abominavel a todos universalmente, e por isso taó dura de soffrer, como digna de evitar-se quanto for possivel, como respondeo Wem por parte dos avaros:

Divitiæ, atque metus comitis sunt spes, & egestas:

Res optanda tamen spes, miseranda metus;

Pauperis est sperare, timereque divitis; isto

Quam sperare equidem malo, timere modo.

Porém a isto respondemos, que se applique cada hum virtuosamente ao que sabe; e evitará a pobreza, porque nunca vimos nenhum, que applicando-se virtuosamente, morresse de necessidade; porque nenhum a tem de boa fortuna para reparar a vida, como escreve Seneca: *Ad saturitatem non opus fortunæ,* mas porque pensa cada qual, que não tem o que ha mister, porque não alcança o que deseja, sem-

pre se reputa pobre; e debaixo deste pretexto anda encuberta a avareza, e todas as profissoens, e officios. O Ministro Militar cuida, que tudo he seu pelo privilegio das armas; o Politico, que tudo lhe pertence pela ley natural, que dicta, q̄ em a necessidade todas as causas são commuas; o Marinheiro, que toda a ganancia he segura pelos perigos a que se expoem; o Vendeiro diz, que vende sua fazenda quan-

do a rouba a outros sem consciencia, e sem medida; o Lavrador desestima seu Agosto, se senão segue logo carestia; o Mercador, que funda seu logro em alheyas necessidades, nunca tem vergonha de empobrecer a outros para enriquecer-se a si; o Rey diz, que o Reyno se fez para o Rey, e não o

Rey para o Reyno; e todos allegão o exemplo da formiga, que faz provimento no Verao do que ha de comer no Inverno; e assim o que não ajunta riquezas na mocidade, lhe falta com que repouzar na velhice, segundo o conselho de *Ovidio lib. 2. de Arte.*

*Dum vires, annique sinunt tolerare labores,
Non veniet tacito curva senectia pede.*

Caduca he a esperança, que se funda no tempo mal seguro, e se condemnaõ quasi todos pela cobiça de adquirir thesouros, que huma impensada crescente os leva, huma guerra intempestiva os affola, hum repentino incendio os consome, e huma inopinada morte os despoja.

Dir-nos-ha, que a riqueza he amada, e venerada de todos, e que não he homem ditoso o que não he rico, sem reparar, que não se póde fazer nenhum verdadeiro juizo, e estado do homem até o dia de sua morte, por mais riquezas que ajunte. Foy Cresso, Rey de Lydia, o mais rico, e opulento que

se conhecia no mundo, pelo que se tinha pelo mais ditoso dos homens: este mandou vir à Cidade de Sárdis ao Philosopho Solón, para ver se admirava suas riquezas: recebeu-o com grãde fausto, e mandou-lhe mostrar seus thesouros, e perguntando-lhe se sabia, ou conhecia outro taõ ditoso como elle, lhe respondeo, que conhecia outro mais ditoso que elle; e lhe nomeou hum Cidadão de Athenas, que havia morrido pela Patria; accrescentando, que nenhum era ditoso antes de morrer; sentença, que approvou Plutarcho: *Non est qui vivus gloriari possit*, e o escreveu João de Wem:

*Omega distinguit miserum, non Alphabeatum,
Ante obitum felix nemo, nec ante miser.*

Enfadou-se Cresso do dito do Solón, e o despedio sem lhe fazer merce alguma: pouco tempo depois Cyro, Rey dos Médos, e Persas, venceo a Cresso, e o prendeo em Cappadocia, e o mandou queimar em sua presença; porém, ao tempo de accender-se o fogo, ouviu, que o paciente repetia huma, e muitas vezes: *O' Solón, Solón: quiz saber o mysterio, e lhe fez per-*

guntar a causa daquella sua ultima exclamação; e sendo informado, lhe concedeo a vida, considerando lhe poderia succeder o mesmo.

Todas estas repostas são muy boas para que cada hum procure fugir da pobreza, que costuma empécer ainda aos de engenho mais subido, como escreveu *Alciato no Emblema 120.*

*Ingenio poteram superas volitare per arces,
Me nisi paupertas invida deprimeret.*

Mas os ricos, que razão poderão dar para continuarem huma taõ trabalhosa diligencia? Muitas daõ, mas nenhuma conclue, e entre ellas a mayor he a dos filhos, que se lhe podia

levar em conta, como não aspirassem a deixar-lhe mais que hum honrado sustento, justamente adquirido; que outros excessos raras vezes se livraõ de vaidade, e de ser adquiridos com tra-

tos illicitos, loucura mais digna de castigo, do que de compaixão, que os filhos agradecem com desejos de sua morte, e passados poucos annos, as lagrimas, que não chorarão por seu pay, choraõ pela sua fazenda, que raras vezes gozaõ filhos de avarentos, antes desperdiçaõ prodigos, o que juntarão miseraveis: verdade, que vemos praticada cada dia, e que lemos escrita no *cap. 10. do Ecclesiast. Qui acervat ex animo suo in justo, aliis congregat, &*

in bonis illius alius luxuriabitur; castigo devido a tuas esperanças mal fundadas; mas como as porá em Deos que em bens da terra as occupa? Como podem os olhos d'alma ver juntamente o Ceo, e a terra? Difficiltofo he: os do corpo sejaõ testemunhas; porque os que querem ser ricos em breve tempo, como disse *Juvenal* na *Satyra 14.*, não tem respeito às leys, nem vergonha aos homens, nem temor a Deos:

----- *Dives qui fieri vult,
Et citò vult fieri, sed quæ reverentia legum?
Qui metus, aut pudor est unquam properantis avari?*

E assim, se a homens similhantes succede alguma fortuna contraria, ou outro algum successo, com o qual percaõ sua fazenda, não devem queixar-se muito; pois não perdem o que era seu, senão o que haviaõ furtado; porque o mal ganhado nunca passa a terceiro herdeiro: *De malè quæsitis non gaudet tertius hæres;* porque o que mal se adquire, mal se perde, conforme o proverbio: *Malè parta, malè*

dilabuntur; antes o pouco mal adquirido faz perder o muito bem ganhado, como eicreveo São Chryostomo: *Pauca malè parta, multa benè comparata perdere;* por tanto ninguem procure juntar injustamente dinheiro, nem fazenda; porque vemos, que nunca chega a bisnetos, e ainda muitas vezes a não gozaõ os proprios, que a juntarão; donde veyo a dizer hum Poeta:

*Quas hominis congeffit opes industria avari;
Heredis sparget prodiga dextra mali.
Esto animo fortis, cum sis damnatus, inique,
Nemo diu gaudet, qui vincit iudice iniquo.*

El dinero mal ganado,
Por arte, y manera fea,
Nunca entu casa se vea

O que se consideráraõ os avaros, não procuráraõ com tantas veras juntar riquezas por todos os modos licitos,

e illicitos: não descançando de noite, nem de dia, nem de Inverno, nem de Veraõ, nem os estorvando o fogo, nem o mar, nem as armas; porque tudo tentarão a troco de juntar riquezas da maneira, que podem, como disse *Horacio lib. Satyra 1.*

----- *Quum te neque fervidus æstus
Dimoveat lucro, neque hyems, mare, ferrum,
Nil obstet tibi, dum ne sit te ditior alter.*

Os que não tem filhos, desculpaõ sua avareza, dizendo juntaõ seus thesouros para os deixarem por sua morte para se repartirẽ em obras pias.

Parece boa a razaõ, e fãto o intento, mas he suspeitoso; porque além de que não quer Deos, nem se serve de ofertas roubadas, não nos persuadimos,

dimos, que estes o fazem com aquelle piedoso zelo que se requer; aos quais se deve responder o mesmo, que

Nihil mihi das: donabis (ais) post funera, quare?

Non morieris? Bis dat, Pontice, qui citò dat.

Que vertidos em idioma Castelhana, vem a concluir:

Nada me dá tu tarda mano fiera:

Dizes: yo te dare, quando me mueras.

Muerete luego, acaba esse fociego;

Que se dos vezes dá el que dá luego;

Y quando mueras, liberal ofreces,

Omnia das, quia nihil potes hinc auferre; dedisses,

Sit tecum posses omnia ferre, nihil.

Que reduzidos a idioma Castelhana, valem o mesmo que dizer:

Porque no hallas modo

Para levarte nada, lo dás todo;

Porque a poder contigo, ental jornada,

Qui dum vixisti, nulli benefeceris, unquam

Incipias fieri, Pontice, quando pius.

Omnia pauperibus, dicis, post fata relinquam,

Qui post fata sapit, Pontice, serò sapit.

Pois a huma viuva desamparada, a huma donzella recolhida, sem pay, e ainda sem manto, a huma Communi-
dade pobre, ao que chega por enfermidade, ou pobreza a tanta necessidade, que o humilde trato da comida lhe falta, tais avaros, em quanto lhe sobra o dinheiro, e faude, não focerão com alguma dadiva, que impida a morte, ou peccados, ainda que co-

Ferrea cista auri custos tibi, ferrea porta;

Ferrea tota domus, ferreus & dominus,

Naõ deixoõ estes os seus bens voluntarios, mas porque mais não podem; mas obras involuntarias não são acei-

Wem respondeo a hũ avaro, que para depois da morte lhe promettia deixar copiosos legados:

Moriendo luego, medarás dos vezes.

Estes infernais homens, com sua deferida promessa obrigaõ a que para o primeiro beneficio se lhe deseje a morte, e obrigaõ a que se discorra, que por isso nella feraõ liberaes, porque nada podem levar consigo, como discorreo o mesmo Wem, dizendo:

Arrebarlo todo, dieras nada.

Porque ainda que as culpas passadas não impossibilitaõ o tempo da penitencia, e de fazer obras perfectas, ao menos motivaõ suspeitas de affecto indevoto, como escreveo o mesmo Wem:

nheçaõ, que por sua avareza se commettaõ contra Deos; bens são estes comparados ao mialheiro de barro, que toda a sua vida occupa em receber, e guardar a moeda, que póde, e para que a dé, he necessario fazello em pedacos; aos quais friza muy bem aquelle Epigramma, que Wem escreveo dizendo:

tas nem a Deos, nem aos homens; e por isso Aufonio a conselhou:

*Si benè quid facias, facias citò, nam citò factum
Gratum erit; ingratum gratia tarda facit.*

Que queremos dizer o que lerás nos quatro seguintes versos:

Si has de dar, dá luego, que haze
La gracia, con modo vario,
Si veloz, agradecidos,
Y si pereçosa, ingratos.

Otra escusa geral tem este vicio, principalmente em os velhos, e he a que deu Simónides, em quem sendo ma-

Natura paucis contenta anneta, sed hoc

De natura dictum non reor tua:

Quo miser annorum, vitum tibi mille parasti;

Annorum centum nec tibi vita datur;

Immensosque tibi numorum cogis acervos,

Quæris & in vita gaudia longa brevi.

Olim dives ero, parce si vixero, dicis:

Et cur non olim mortuus, inquis, ero.

Que reduzidos a linguagem Castellhana, nenhuma outra couza dizem mais que:

Porque, avaro, tus miseros engaños
Para más de mil años
Recogen el sustento,
Si has de contar a penas años ciento?
Amontonas en frutos, joyas, y oro
Cantidad numerosa de theloro;
Buscas gloria cumplida,

por sua avareza, que sua idade, e esta de extrema velhice, respondo, sendo perguntado, a causa porque sendo velho, era taõ avaro, dizendo:
Que mais queria na morte deixar riquezas a seus inimigos, que em vida necessitar de seus amigos. Já estes deviaõ ser como os dos nossos tempos. Varias soluçoens podiamos dar a fallacia desta desculpa, tirando a primeira de Wem:

Y comodidad larga en breve vida?
Si a vivir parco, dizes, me dedico,
Tiempo vendra despues, en que sea rico:

Mas porque assi no dizes, y más cierto,
Tiempo vendrà despues en que sea muerto?

A segunda de hum discreto, que nos adverte:

Discite quàm parvo liceat producere vitam,

Et quantum natura petat. -----

Mas he trabalho perdido pertender reduzir taõ obstinados coraçoes; e contentamo-mos agora com ouvir seu parecer a Cataõ o mayor: Não pode ser, diz, couza mais absurda, que quan-

to menor he a jornada, tanto mayor provimento preparar para o caminho; e não pode ser menor a distancia, que a que vay da vida à morte; como disse Wem:

Pendentes agimus vitas in litore mortis,

Tam prope mors vita est, quàm prope margo maris.

Una ferè res est homini, mors, vitaque, sicut

Efficiuntur unum terra, & unda globum.

O' velhice, se em o de mais costumadas
 ser virtuosa, como trazese este vicio aos
 que a acompanhas? Mas que pergunta-
 mos, se he infaciavel a avareza, e to-
 dos medimos nossos passos pela nossa
 utilidade, como disse Cicero: *Insana-
 bilis avaritia est, utilitate movemur
 omnes*; e sacrilegamente cegos, nega-

mos a adoraçao ao verdadeiro Deos,
 e adoramos sacrilegos, como a Deos
 a nossa utilidade, reconhecendo tan-
 tos Deos, quantos conduzem para o
 fim da nossa avareza; disse-o discre-
 tamente Wem nos dous Epigram-
 mas seguintes:

Condidit in terris hominem Deus unicus unum,

Factus homo, multos fecit in orbe Deus.

Primus in orbe Deus fecit timor: est tamen Eu!

Pene Dei reliquus nullus in orbe timor.

E he avareza commua a toda a ida-
 de, e a todo o estado, por sentença de
Jeremias no cap. 6. aonde diz, que
 do mayor até o menor todos são ava-
 rentos; e por isso diz, que tudo são

enganos desde o Propheta até o Sa-
 cerdote; porque não ha avaro, que
 não tenha por inseparavel companhei-
 ro o engano, como escreveo Wem:

Nunquam fraude caret, semper mentitur avarus,
Erga inopes surdus ferrea corda gerit.

Cuja dureza de coração para com os
 necessitados, e miseria para consigo
 descreveo muy bem hum discreto em
 a decima, que se segue:

No valen doctas razones
 Para sacarte el dinero;
 Ni amistad, ni poder fiero,
 Ni magicas atracciones!
 Porque tienen tus doblones
 Letras, si futil te hablo,
 Con argumentos, que entablo,
 Dos caras para el amigo,
 Armas para el inimigo,
 Y Cruzes para el diablo.

No *capitulo 13 do Ecclesiastes* diz o Es-
 pírito Santo, que he bemaventurado
 o rico, que se acha sem macula, e que
 depois de achar o ouro, nem se con-
 fia no dinheiro, nem espera em seus
 thesouros; mas isto tem por tamanha
 maravilha, que logo pergunta donde
 se achará hum rico destes para o lou-
 var, como homẽ milagroso desta vida.

Confessamos, que chegando a
 ler este lugar, nos achamos tão defa-

lentados para proseguirmos o discurs-
 so da presente Lição, que estivenos
 quasi resolutos, por não perder tem-
 po, a passar a outra materia; mas co-
 mo nos obrigamos a sahir nesta obra
 com hum *Ministro Perfeito*, e como
 lemos em *Cicero pro Quintio*, que ne-
 nhum officio ha tão Santo, e solemne,
 que não costume assaar a avareza, e
 logo toda a justiça se despreza, e as
 cousas alheyas se occupaõ por injuria:
*Nullum est officium tam sanctum, atque
 solemne, quod non avaritia comminueret,
 atque violare soleat. Et quidem statim
 omnis justitia negligitur, & aliena per
 injuriam occupantur*, nos sentimos
 obrigados a continualla, ainda que
 do nosso trabalho não colhamos o
 fruto, a que se encaminha o nosso
 dilvelo.

Sabe pois, Ministro avarento, que o
 avaro está mal com Deos, e com os ho-
 mens, e q' quanto intenta ser mais rico,
 tanto he mais pobre; porque tem me-
 nos de dominio, o que tem mais de co-
 bicoso; porque como póde ser senhor
 quem he escravo da avareza? E por
 isto:

Omnia

Omnis avarus inops servit, non imperat auro.

O qual verso quer dizer:

Es pobre todo el avaro en su thesoro,
Que el no manda en el oro, sirve al
oro.

Naõ ha mayor riqueza, que guardar
os Mandamentos do Senhor, e dimi-
nuir a desordenada ambição das ap-
parentes utilidades da fementida ri-
queza; e assim le queres ser rico, ob-
serva o seguinte:

Vis fieri dives? Christi mandata sequaris?

Diminuasque animi gaudia nota tui.

Naõ ha mayor riqueza, que a naõ de-
sejalla; e por esta razão sendo pergun-

tado Ausônio, quem era rico, e quem
pobre, respondeo:

Quis dives? Qui nihil cupiat; quis pauper? Avarus.

E se isto te naõ convence, acabe de
te defenganar a mesma pena com que
cruelmente te castiga a tua avareza,

que he a que lerás nos seguintes ver-
sos do engenhoso Falção:

Dii Stygii infernae tortores gentis avarae

Non alias vestro queratis carcere poenas,

Non alios luctus, quam quos testatur avarus,

Heredem invictus videat qui fluminis instar

Torrentis diffundat opes, densusque paratos,

Sexaginta annis autumnos sorbat in uno;

Omne aliud vitium, Domino canente, senescit,

Cupiditas seris semper juvenescit in annis,

Limes avaritiae mors est, non copia rerum.

Que reduzidos à linguagem Castelha-
na, querem dizer:

O vofotros, Ministros infernaes,
Castigo de los miseros mortales,
Que al avaro imponeis dura cadena,
No en vuestra carcel inventeis más
pena,
Otro tormento, ni otro dolor raro,
Que quando ha de testar el triste
avaro,
Mirar a su pezar al heredero,
Que todo su dinero
Lo ha de explayar gustoso, y dili-
gente,
Como avenida de veloz corriente;
Y los reditos de años infinitos,
En breve plazo han de quedar pres-
criptos;

Y en el Otoño bienes dilatados

Han de quedar sorbidos, vendimia-
dos.

Qualquiera vicio, que en el hombre
crece,

Quando envejece el hombre, el se
envejece,

Solo de la avaricia la insolencia

Tiene en la ancianidad la adolescen-
cia;

Y arraigada en sus miseros engaños,
Brotan mayores fuerças con mas años.

O avaricia cruel! Que fin no tienes,

Ni en la copia de bienes,

Ni en los extremos que adquirio tu
fuerte,

Ni en tus fines fin fin, sino en la mu-
erte!

O avaro não tem descanso, porque traz os sentidos todos occupados com seus interesses. Vive como fragoa viva de trabalhosos cuidados, que de noite, e de dia lhe ardem os pensamentos, perdendo o gosto do que tem com o cuidado do que deseja. Quando não coze o manjar o estômago, nem se reparte, dizemos, que está muy enfermo; e não póde haver mayor enfermidade para hum Ministro, que ser escaco; nem para hum Principe, que não repartir entre seus Vassallos suas riquezas; porque terá tanto de mais o que der, como de menos, o que não der. Para ter vassallos insignes, he infigne meyo a liberalidade; porque assim como a temperança do ar faz fertil a terra, assim o favor do Principe faz levantar os engenhos dos vassallos a cousas grandes. Baço da Republica costumava chamar Trajano a seus thesouros; porque assim como o baço crescendo, se consome o corpo; assim quanto o Principe cresce mais em seus thesouros, tanto mais se consome o Reyno.

Naõ ha prognostico mais certo da destruição de huma Monarchia, que governalla hum Principe avaro, e cobiçoso de riquezas. Muitos exemplos nos offerecem as Historias, mas porque não he possivel referillos todos, contentamonos com relatar só dous de dous Monarchas, hum o mais rico, e ambicioso, que vio Hespanha, outro o mais poderoso, e avaro, que venerou a Persia. Este foy Dario, Rey de Babylonia, e Monarcha dos Persas, tão cobiçoso, e amigo de riquezas, que mandou abrir a sepultura de Nitócoris, Rainha de Egypto, aonde discorreo, que as haveria, e não achou mais que leu desengano neste letreiro: *Se tu não foras cobiçoso, não abriras as sepulturas dos mortos; mas brevemente perderás a vida, e riquezas às mãos do mais liberal; e assim succedeo, porque Alexandre Magno só com quatro mil cavallos, e*

quarenta mil infantes venceu primeira vez a seus Capitaens com duzentos mil infantes, e cincoenta mil de cavallo; e segunda vez ao mesmo Dario com mais de quinhentos mil infantes, e duzentos mil de cavallo, e importou o despojo em mais de setenta milhoes; e ultimamente venceu terceiro vez a Dario com mayor numero de soldados, e passou o despojo de outros setenta milhoens; e em conclusão veyo a perder o Imperio, e morrer às lançadas às mãos dos seus. Muito havia aqui que considerar em ver hum Rey tão rico, com tão numeroso exercito, vencido por hum Rey, que não tinha mais riquezas, que suas esperanças, nem mais soldados, que tão pequeno numero; mas quem ha de discorrer em materia tão clara, aonde basta saber; que Alexandre era tão liberal, que dava como quem não tinha vida, e Dario tão avaro, q até aos mortos não perdoava. Aquelle pelejava, acompanhado de filhos, e este de vassallos; aquelle conquistava para dar, e este para entesourar; daquelle eraõ as suas riquezas os seus soldados, e deste os seus thesouros.

Aquelle foy Rodrigo, trigesimo quarto Rey dos Godos de Hespanha, e ultimo delles, tão avaro, e cobiçoso de riquezas, que persuadido, que em huma Torre, que havia em Toledo, a que chamavaõ a Encantada, fabricada por Hercules Grego, estavaõ grandes thesouros, a abriu, quebrando as fechaduras, e achou a obra de dentro muy formosa de alabastro, eno meyo della hum pilar, e huma arca, e no meyo della hum letreiro de letras Gregas, que dizia: *Quem esta arca abrir, maravilhas achará;* e abrindo-a com grande cobiça, e desejo, achou dentro della hum lenço cozido em duas taboas, e descozêdo-o, appareceraõ pintadas muitas figuras de homem a cavallo, de vista, e semblante feroz, vistidas de muitas cores à maneira de Arabes, com espadas em as mãos, bandeiras, e pen-

pendoens levantados de diversas pinturas, e invengoens, e em cima dellas havia outra letra, que dizia: *Quem este lenço abrir, perderá as Hespanhas, e ganballas-hão gentes como nelle estão pintadas*; e assim aconteceu, porque aggravado o aleivoso, e traidor Conde Juliaõ del Rey D. Rodrigo lhe forçar sua filha Cava, ou Florinda, convocou os Arabes de Africa, e com elles seus parciais, travou batalha junto ao rio Guadalete, que durou oito dias inteiros, no fim dos quais se declarou a victoria contra D. Rodrigo; e deste ponto, segundo huns, não appareceu mais nem vivo, nem morto, e conforme outros, fugio della, e viveo nas Serras de Viseu com vida de Ermitaõ, até que morreo, e este foy o fim de hum Rey avarento, que não só se perdeu a si, mas a toda a sua Monarchia.

Muy a proposito vem aqui o que se refere nas Historias Chincas, que estando conversando o Imperador Faizung, entre outras cousas proseguira dizendo: *Hey ouvido dizer, que o barbaro do Occidente chamado Hiau, alcançou por sorte huma pedra muy preciosa, e para conservalla, a meteo em suas entranhas, rompendo-as para este fim: os que tiveraõ noticia deste caso, riraõ-se, e zombaraõ delle, pois por conservar huma pedra, perdeu a vida, estimando mais aquella joya, que o viver: deste mesmo modo saõ os Reys, e Imperadores cobigosos, os quais por emthesourarem muitas vezes com tyrannias, perdem seus Estados. Que outra cousa he isto, que abrir as entranhas, e recolher a pedra, pela qual se perdem os Sceptros, e Coroas? O proprio fazem os Mandarins, que se sobornaõ,*

Cani lambenti cinerem non est fidenda farina.

Naõ repara hum Principe avaro em fazer feira dos officios, nem em pôr em venda em praça a mesma justiça. Bem se vio em Commodo, Imperador de

recolhem soberbos, e perdem a vida. Grande mal he a avareza; miseraveis ruinas occasiona. Esta foy a occasião das discordias entre os Pastores de Abrahaõ, e Loth: alargou a escravidão de Jacob quatorze annos: fez escravo ao casto Joseph: apartou do preceito Divino ao Propheta Balaõ: torceo a vara da justiça em os filhos de Heli: poz em venda a Sansaõ, que ferio enganosa, e falsa sua manceba: prevaricou neficiamente a Nabál: trouxe a miseravel ruina a Seméy: venceu as firmezas de Acáb: enfermou os designios de Senecherib, trouxe a contingencias fatais a Benádab: tyrannizou o Imperio Romano a avareza de Vespasiano; deu cruel morte a Achéo, Rey de Lydia, a que reynou para executar taõ cruel acção em seus vassallos: gerou a inimizade de Tibério, contra Léntulo, a quem mandou matar: a Domiciano, e Commodo rendeo ao fer de feras por suas crueldades: dispoz a morte a Polisto, filho del Rey Priamo, posto que por rouballo, lha deraõ seus criados: e a que deu Pigmalión a seu cunhado.

Longe deve andar dos Principes, e seus Ministros este vicio; porque a avareza dos Principes, e Ministros he quasi sempre a causa final da destruição das Republicas. Bem o conhecia assim o referido Imperador, que não quiz receber humas esteiras curiosas, que lhe presentaraõ huns Aldeanos; e dizendo-lhe o Thesoureiro: *Que era aquillo huma ninberia, e que não havia que reparar em aceitallas,* respondeo: *Que quem não se moderava no pouco, que mal se podia moderar no muito; e como se havia fiar farinha do caõ, que lambe a cinza?*

Roma, de quem se escreve, que como em feira, claramente vendia os officios, e perdoava os delictos mais enormes, ajustado o preço com os delin-

quentes; e considerando isto *Alano de Compli. Naturæ*, exclama: *O' vergonha, que a pezo de metais se distribuem hoje as honras! Os officios peza-dos pela mesma balança em que se peza o metal! Já não he Cesar o que dispensa os officios, mas tudo das cousas mais individuais, até as cousas mais generalissimas reparte como medeador o dinheiro.* Não se lembrava o Imperador Pertináz do respeito, que à Purpura, e Sceptro se devia, senão que com tão baixos pensamentos comprava, e vendia, como se fora tratante da praça, de que escandalizados os soldados, tratarão de tirar-lhe a vida.

O Ministro avaro não tem fé, não tem ley, não tem verdade, não tem fidelidade, nem nenhuma outra virtude; porque, diz Sallustio tratando da conjuração de Cãtilina: *Tudo destróe a avareza, que sobre fazer tudo venavel, até a Deos faz desconber, e perder a sciencia. Animus aeger avaritiã facilè corrumpitur.* Foy Midas nomeado Juiz para decidir a contenda entre Pan, e Apollo, e o que lhe sobrava de rico, e avaro, lhe faltava de sabio, pois havendo escutado bem o que ouvia mal, e parecendo-lhe ser melhor o que fazia mais ruido, que o que fazia mais consonancia, preferio o silvestre desconcerto das rusticas vozes do semicapro Deos Pan, à suave melodia da doce viola do inventor da Musica; mas pouco depois pagou a pena de seu bestial erro, quando lhe sobrevierão as orelhas de aino.

Tem a avareza no receber por companheiros seis vicios, que della nascem como filhos: inquietação do entendimento, com que se ajunta a solicitação das riquezas, e hum demasiado cuidado: força, de que usa o avaro em adquirir o alheyo injustamente: fallacia, de que se vale o avaro para enganar com palavras: simplez perjuro, de que se arma o dito, affirmado com juramento: engano com que usa no facto, e traição com que entrega

a pessoa. No dar he de tres maneiras; porque ou he parco, porque dá pouco; ou tenaz, porque não dá nada, ou dá com dificuldade. No adquirir excede de duas maneiras, convem a saber lucrando torpemente, porque he avaro, operario de illiberaes operações, porque não repara em exercitar cousas viz, e serviz por lucro do interesse, e injustamente lucrando como usurario, que recebe interesse de cousas, que de sua natureza não tem lucro; como ladraão, que faz força aos vicios, tomando-lhe o seu, como despojando mortos, fazendo força aos mortos, como jogador, que fazendo força aos amigos, lhe ganha o seu dinheiro. Finalmente não ha vicio, que não contenha a avareza, nem cousa, por mais infame que seja, que não commetta hum avaro a fim de ajuntar; sem que lhe aproveitem suas riquezas de cousa alguma, nem aproveite a outrem com ellas, como escreve *Publio Mimo: Avarus in nullum bonus, in se pessimus*; e quanto mais diligencia poem em ajuntallas, tanto mais lhe faltaõ depois de adquiridas ao desejo, que tem de augmentallas; como disse o mesmo; *Inopie pauca desunt, avaritiã omnia.* Quantos Reynos tem perdido a avareza dos Ministros? Quantas batalhas tem sahido com máo successo por este vicio? Por isso dizia Tullio, que no princio de todos os negocios publicos se havia expulsar todo o genero da avareza, para se executarem rectamente: *Caput est in omni procuratione negotii publici, ut avaritiã tollatur, vel minima suspicio.*

Concluimos, que os Ministros não haõ de ser avaros, e que devem fugir deste vicio, como do mais nocivo do bem temporal, e espiritual. Não ha meyo melhor para ser rico, que dividir os proprios bens, nem via mais segura de ser pobre, que arrebatat os alhejos, disse *Salomaõ no cap. i. dos Proverbios.* Não se justifica o que ama o avaro; nem accrescenta riquezas quem

quem as tira injustamente do poder de seus donos, porque Deos em castigo da avareza lhas tira. Não vive a innocencia dentro nas praças do enriquecer: está o viver bem, e o viver muito em odio da avareza, escreve o *Sabio no cap. 28.* e *São Lucas no cap. 12.* Estaão tão difficultosas as portas do Ceo a hum avaro, como a entrada de hum Camelo pelo fundo de huma agulha; não he menos que doutrina de *São Marcos no cap. 10.*, e o *Espirito Santo ensina no cap. 10. do Ecclesiastes n. 10.*, que não ha cousa mais injusta, que o amor das riquezas; porque este faz venal assim a quem as ama, como a sua alma; e por isso *Santo Agostinho no Serm. 31.* diz: *Que senão houvera riquezas, não houvera inferno.* Muito dissemos sobre o desinteresse do Ministro na segunda Palestra, Lição do *Interesse*; e alguma coula tocamos tambem desta materia na Lição sobre a *Eleição dos Ministros*; e em huma, e outra trouxemos varios exemplos de Ministros limpos, e de avaros, huns para servirem de imitação, e outros para escarmento. Agora fecharemos esta com dous os mais celebres, que se lêm nas Historias.

Houve na China hum Mandarim, chamado Jangchim, muy chegado ao Imperador: era muy recto em seu officio, e limpo de mãos todo o possivel; este conseguiu hum Mandarinato para Uvang Nie, seu amigo, o qual agradecido o foy visitar huma noite, e em reconhecimento do beneficio recebido, lhe offereceo onze onças de ouro. Sentio a acção Jangchim, e disse-lhe: *Não me conheceis, sendo meu amigo:* respondeo Nie: *Por isso venho de noite ninguem o ouve, nem o sabe:* disse-lhe o Chim: *O Ceo, e a terra o vêem; eu, e vós o sabemos; e tendo já quatro testemunhas, dizeis, que ninguem o sabe?* Convenceo-se Nie, e recolhe-o o dinheiro, sem atrever-se a fallar mais naquelle ponto. Bem ha que considerar, e pôderar neste caso. Não obrava aquel-

le Gentio por respeitos humanos, nem porque o olhavaõ, e viaõ; attendia só à justiça, e ao que devia obrar como bom Ministro. Seguia o conselho de *Federico III.* que dizia: *Não faças occultamente aquillo, que te envergonhára, se o fizeras em publico.* Poucos discipulos tem hoje no mundo Jangchim. Não sabem, e vem os sobornos, que muitos Ministros recebem, o Ceo, e a terra, senão todo o mundo, sem que tanta publicidade lhes cause empacho, e lhes obrigue a recolher as avaras mãos; e parece, que todos confessaõ hoje a doutrina de Cicero, que disse, que não havia cousa no mundo mais, nem tão doce, como o receber: *Omnium dulcissimum, recipere;* devendo professar a de Christo Senhor nosso, que nos ensina, que mais bemaventurado he o que dá, que o que recebe: *Beatius est dare, quam accipere.* Quando a hum Gentio, destituido do lume da Fé, lhe parecia que tinha testemunhas no Ceo, e terra, para abster-se, e não receber onze onças de ouro, que será bem que faça hum Christão em caso semelhante, quando mediante o lume da Fé, conhece, que o mesmo Deos o está atildando, não só as acçoens, senão tambem os pensamentos? Se a isto se attendesse, que o Ceo, e terra, e mais creaturas haõ de ser nossas testemunhas, e fiscaes rigorosos no dia do Juizo, oh como tiveramos os Ministros as mãos limpas, e como procuraramos não sujallas com o infame, e fedorento vicio da avareza! He tambem de reparar, que não se esqueceo o China do fiel, e bom conselheiro da consciencia, que lhe dictava, que por haver cumprido com as obrigaçoens de seu officio, não podia levar justificadamente cousa alguma; e que nós os Catholicos nos não lembremos, que diz *São Basilio no principio dos Proverbios*, que entre os segredos do coração nos instituiu Deos hum tribunal, no qual se peza tudo o que se ha de obrar como em balança.

Destes

Deste mesmo Ministro se lê outra cousa, que por muy particular nos pareceo referir. Reparavaõ seus parentes, e amigos, em que não comprava terras, nem herdades, como faziaõ outros; e notavaõ tambem, que seus filhos comiaõ, e vestiaõ como gente muy ordinaria: disseraõ-lhe, que convinha levantar sua casa, augmentar sua familia, dar postos a seus filhos, e netos; porém elle desengañado, lhes disse: *Naõ ha mayor fazenda, nem riqueza, que a rectidaõ, inteireza, e desinteressẽ de hum Ministro. Dizerem os vindouros, que eu tive, e possibi estas prendas, que fuy limpo de mãõs, que administrey justiça, e que servi lealmente a meu Imperador, monta mais para meus filhos, e netos, do que se lhe deixara grossas fazendas, e ricos thesouros.* Bella doutrina! Porém donde se pratica hoje esta doutrina? Quem não funda morgados, e levanta sua familia, se pôde? Quem não sollicita habitos, não só para filhos, e netos, senaõ tambem para parentes, e amigos? Quem não anhe-la a titulos, se acha caminho com ouro, e prata adquirida como Deos sabe? A' fé, que se os Ministros foraõ todos como o China, que diferente estado tivera o mundo.

Na mesma China houve outro chamado Laang, taõ desinteressado, e inimigo da avareza, que havendo fervido ao seu Imperador de Conselheiro, pay, e amigo, sollicito, e sempre cuidadoso do augmento da Coroa, enfermou, e morreo. Antes de morrer, escreveo huma carta ao Imperador, em que lhe dizia: *Em a Cidade de Cingtu deixo oitocentos pés de Amoreira, e quinze geiras de terra, que bastaõ para sustento de meus filhos, e não lhe he necessario buscar mais; por tanto peço por mercẽ a Vossa Magestade, se sirva de não dar-lhe cousa alguma: aos vassallos ricos, e poderosos logo logo lhe vem pensamentos inquietos, cobrindo a causa particular de sua ambi-*

ção com a da publica conveniencia, para fugirem da nota do vicio da singularidade. Não faltava muito que ponderar na carta deste Gentio, e sua pobreza, depois de ter tanta maõ no governo; mas tu, Ministro, podés considerar sem muito discurso, se has conhecido, ou pôde conhecer-se quem possa igualar a este Gentio. Para se escusarem em alguma cousa aos que em obrar saõ Antipodas de Laang, se pôde allegar o que escreve S. Thomáz ne *Opusculo 28. cap. 7.*, aonde diz, que os feitos maravilhosos não se haõ de trazer à consequencia; porque os enfermos mais podem admirallos, e louvallos do que imitallos; porém a verdade he, que todos poderamos imitar a este Gentio, se quizeramos; porque nos não faltaõ auxilios, e forças: só a vontade nos falta, e sobra a ambição, e avareza. Nem ha sido taõ singular Laang, que não haja tido companheiros no mundo. Fabricio, Scipião, Marco Attilio, Régulo, que havendo tido grandes cargos, e occasiões para enriquecer-se, todos saõ pòbrissimos, sendo que tinhaõ mulher, e filhos. Modernos deste tempo poucos acharemos, que possaõ fazer coro com os referidos, não porque suas obrigaçoens sejaõ mayores, senaõ porque cegos com as cousas mundanas, se vaõ a traz dellas, sem attenderem que acarretaõ nellas suas perdiçoens. Não dizemos, que não ha peçoas justificadas, e desengañadas; porem affirmamos, que saõ poucas, e muy contadas; falta, que já no tempo de Plataõ se admirava; porque diz elle, que em qualquer estado saõ menos os que satisfazem às obrigaçoens de seus officios, e mais os que não cumprem com a sua obrigação: *In quovis studio viles permulti, probi verò pauci.* Sempre o precioso he raro em comparação do baixo, e vil; os bons, e virtuosos tambem saõ poucos, comparados com os maõs; e por isso diz o Espirito Santo, que dos maõs he infinito

infinito o numero: *Stultorum infinitus est numerus*: guarda-te de entrar nelle, como entrou Candáço, Governador de Licia, posto por ElRey de Carria, o qual conhecendo, que os Licios eraõ muy inclinados ao cabelo, publicou huma ordem do seu Rey, em que mandava, que lhe remettessem todos os cabellos; e vendo que sentiaõ cortallos, como compadecendo-se delles lhes disse, que juntassem dinheiro, que com elle mandaria comprallos ao Egypto; e recebendo-o, o embolçou.

L I Ç A M XIV.

Da Prodigalidade.

NAõ tem só a virtude da liberalidade por inimigo declarado o infame vicio da avareza, mas

Hic nisi post mortem vetari, nil donat amico;

Ille nihil, quod post funera donet, habet.

Moribus adversum sibi prodigus addit avarum:

Cur igitur largos parcus avarus amat?

O prodigo despreza as riquezas, e por isso as desperdiça; o avaro as ama muito, e por isso as guarda. De hum, e outro vicio ha de fugir o nosso Ministro, como de extremos viciosos. Entre a avareza, e prodigalidade vive a virtude da liberalidade: he necessario saber usar do meyo, aonde está a virtude. A mayor parte dos homens,

Incidit in Scyllam, cupiens vitare Charybdim,

Qui fugiens morbum, incidit in Medicum.

Porque o nescio quando quer fugir de hum vicio, precipita-se em outro

Stulti dum vitant vitia, in contraria currunt:

Qui litem effugiunt, causidicumque petunt.

Em este ponto, como nos de mais, ha de o nosso Ministro usar de huma moderação discreta, para que por fa-

tambem lhe faz guerra, apregoada o da Prodigalidade, que supposto não seja tão odioso, e encontrado a virtude da liberalidade, não tem com ella nem amizade, nem parentesco. He a prodigalidade: *Hum desordenado modo de dar; huma intemperança, e demasiada profusão do dinheiro*: vicio, que senão he tão aborrecido como a avareza, corre com ella muito paralelo de nociyo. A prodigalidade, e avareza são dous inimigos mortais da liberalidade; porém mais inimigos entre si, e como tais, senão dão no mesmo fugeito, porque se encontraõ, e oppoem totalmente em seus effeitos. A prodigalidade tudo dispende, até que priva ao fugeito de quanto tem; a avareza lhe prohi-be dar cousa alguma do que logra, como cantou Wem:

por fugirem da avareza, se passaõ ao vicio da prodigalidade, por não saberm guardar o meyo da virtude; a maneira de ignorantes pilotos, que fugindo de Scylla, dão com o navio em Carybdes: como aquelles, que por evitarem a enfermidade, cahem nas mãos de hum ignorante Medico, que os mata; como cantou o Inglez Poeta.

mayor, como cantou o mesmo Poeta:

zer-se liberal, não dê no vicio de prodigo; pois tambem he vicio a prodigalidade como a avareza, e tantos perdidos

perdidos ha visto o mundo por dar hum cinco de largo, como se tem perdido dando hum cinco de curto. Não ha de ser como hum Caligula, Imperador de Roma, que por hum final de victoria, que ganhou, escreveu ao Senado, que lhe aparelhasse hum grandissimo triumpho com pouquissimo gaffo, nem como hum Adriano, que confumio dez milhoens de ouro para solemnizar a adopção de Cestonio com grandissimas festas, que acabadas, começaram os prantos; porque enfermou Cestonio de forte, que enlouqueceu Adriano, exclamando: *Ay de mim infeliz, que de ouro bey desperdiçado!* Sendo aquelle avaro em querer gastar pouco, quando a occasião pedia muito, e este prodigo em gastar mais do que a razão pedia. Não ha medicina tão accommodada à faude, que senão dê por medida; porque de outra maneira o que se toma para faude, grangea enfermidade. Sem ar não se vive; porém tão pouco se póde tomar, que não baste a sustentar a vida; e tanto, que sóbre para acaballa. Sem agua não passaõ as gentes, e se bebem pouca, não se satisfaz a sede: e se demasiada, podem arreventar. Isto mesmo passa nos mais alimentos. Quantos por jantarem demasiado, não tiverão que cear? Reparou Plutarcho, que certo rico estava ceando pão, e azeitonas; e logo lhe disse: *Se assim houveras jantado, não cearas assim.*

Vio o Sabio Chilón Lacedemonio a hum mancebo, que sem nenhuma consideração dava quanto tinha; e refere *Maximo Sermaõ 62.*, que lhe dissera: *Olha bem o que fazes, porque quem gasta demasiado no que não importa, vem ao depois gastar menos no que mais convem.* Exemplo foraõ no mundo deste desconcerto Nicias, e Callias, os quais por haverem dado loucamente quanto tinhaõ, vendo-se em summa pobreza, não tendo mais que desprezar, se determinaraõ a acabar. Pericles, e Marco Apicio, que

desesperados de viver pobremente, por haverem desperdiçado quanto tinhaõ, tomando veneno, se mataraõ. Demétrio, que havendo gastado duzentos mil marcos de ouro com mulheres deshonestas; e Messalio, que gastando dous patrimonios opulentos com Comediantes, chegaraõ a tanta pobreza, que vieraõ a pedir de porta em porta. Vio Sócrates a hum destes perdidos, e pediu-lhe hum grande summa; e reparando o prodigo na grande quantidade, que lhe pedia, lhe perguntou, como contentando-se com tão pouco, lhe pedia tanto; e diz *Estobeo Sermaõ 13.*, que lhe respondera: *Porque dos outros me fica ainda esperança de poder receber alguma coisa, mas de ti não espero receber mais nada.*

Não sejas, Ministro, como orio de Lidia, de quem se escreve, que roubava o ouro ao amante Midas para arrojallo ao mar. Como o Imperador Heliogábalo, q por mostrar sua grandeza, entre outros disbarates, mandava dar hum furo às Naos, que lhe vinhaõ carregadas de riquezas, para que à vista de todo o mundo se fundissem; nem como os formigoens do monte Ariméspos, que escondiaõ ouro, não para servirem-se delle, senão para que não servisse a outros. Usa de teus bens, sem que nem a prodigalidade os arroje, nem a avareza ignorantemente os esconda, como aconselha Seneca: *Quod habueris, nec sordide custodias, nec prodigè spargas.* Em todos os sacrificios dos Romanos, diz Plinio, se punha sal; e o mesmo mandava Deos em o *cap. 2. do Levitico* a seu povo; nem sempre pediu bezeros, nem por qualquer occasião se offerciaõ aves, ou animais, senão em seus tempos limitados; porém no sal não quiz que houvesse taxa, porque no sal se significa a prudencia discreta, com a qual quer a Divina Magestade, que o homem faça sempre suas cousas, para que não pareçaõ mal diante de seu Real acatamento. Quando o grande

de Artaxerxes deu liberdade aos filhos de Israel, e hum salvo conducto a Edras, para que se tornassem às suas terras com todos os que achasse cativos em seu districto, diz a Sagrada Escritura no *cap. 9. de Edras*, que juntamente lhe deu muito ouro, muita prata, muito trigo, e outras muitas coufas, para que sacrificassem em Jerusaleem; e ainda que em tudo finalou conta a seus Theouros, do que haviaõ de dar, em o sal não poz taxa; infinuando, que em todas as coufas pôde haver taxa, e medida em os homens, porém em a discrição não se ha de por a raya, porque por muita que tenhaõ, toda haõ mister.

Naõ sejas como hum Nero, que julgava por homens baixos aos que tinhaõ livro de conta, e de razaõ de sua fazenda, enriquecendo a gente louca, fazendo mais ostentaçõ do que elle podia dar, e do que elles mereciaõ receber, gastando em a morte de sua mulher Popêa mais cheiros, do que dá toda a Arabia em hum anno. Deve ser com a devida proporçõ, como hum Alexandre Severo, que todos os dias distribuia dadivas de seus theouros, e todos os dias tomava conta aos Theouros. Era Alexandre em a liberalidade, e em apontualidade Severo. Faze primeiro consideraçõ do que podes, e debes dar, do que entres a dispende; porque he importante consideraçõ medir as obras pelas forças; porque sem este pezo não podes evitar hum de dous inconvenientes, ou que fiques motejado, ou que busques dinheiro por meyo illicito, como Affonso, Rey de Napoles, que desbaratando prodigamente o que tinha, veyo a tomar tyrannamente os bens de seus vassallos.

Foy El Rey D. Affonso de Aragoã grandemente liberal, e tanto, que trazendo-lhe huma vez dez mil ducados de certa divida, que se lhe devia, e como a hum dos que estavaõ presentes lhe crescesse a ambição, ven-

do tanto dinheiro junto, e não lhe cabendo o desejo no peito de sua cobiça, disse: *Fora eu bemaventurado, se tivera tanta moeda*: o que ouvindo o generoso Rey, disse com animo Real: *Toma-o, e se bemaventurado*. Mas este mesmo respondeo a hum, que lhe pedia muitas vezes, e logo prodigamente gastava o que recebia: *Se te eu der todas as vezes que me pedes, cedo me farey pobre, e nunca te farey a ti rico; porque vale o mesmo, que se te dà, que lançar agua em dorna sem fundo*.

Propriedade he do prodigo ter por fim em suas dadivas a vaidade, como do avaro a ambição, do liberal a honestidade. Foge desta propriedade, e deste vicio, que basta para estragar a virtude da liberalidade, e magnificencia, e todas as mais virtudes. He a vaidade inimigo commum de todas as virtudes, e a da liberalidade entre todas navega com mayor perigo deste cofario. Diminue, diz *Boecio de consolat. lib. 1.* a confiança, que tem occulta o seguro da consciencia, que fazendo ostentaçõ de suas dadivas, pretende ganhar em premio com elles fama. Toma o conselho de *Virgilio no lib. 2. Georg.*, que afirma, que para que a dadiva suba direita como vara, se ha de esconder em a terra como raiz; porque quanto mais se enterra, tanto mais se pertenderá levantar. Bom testemunho temos na Torre de Babilonia, donde Nembróth padeceo confusão em a Torre com que pertendeo diminuir as Estrellas pela vaidade de fazer seu nome celebre.

O liberal, quando dá, considera o como, e quando, o que, e a quem dá, e as forças do q̄ pode dar. O prodigo não mede o que dá, nem repara naquellas sete circumstancias, q̄ ponderamos na Lição da Prudencia Monastica. E como não considera as circumstancias do tempo, occasião, lugar, e pessoa, nem mede o que dá, primeiro acaba a fazenda, do que a vida. Guardate deste risco, e pondera quam abundantemente

temente proveo Deos a todo o criado, mas com tal medida, que o Sol, como peisa mais principal deste edificio, nem só lhe consente sahir hum só ponto de seu compasso, para que nem tudo seja dia com a luz, nem tudo noite com as trevas; de maneira, que não quer Deos o Sol no mesmo lugar sempre, senão que quer, que nasça pela manhã, e se ponha à tarde; humas vezes ande direito ao Meio dia, outras ao Septentrião: já se detenha muito em hum hemisferio, já se pare pouco em outro, nem sempre ferem seus rayos directamente, nem sempre vão ao foslayo, senão que tenha sua ordem, e regra; porque não fique hum terra abrazada, e outra não participe nunca do seu calor, de sorte, que a variedade de seus cursos distinga os tempos, reparta os annos, accommode os frutos e componha a faude dos viventes.

Concluimos, que hum Ministro perfeito ha-de com o mesmo empenho, que procura a virtude da liberalidade, fugir do vicio da prodigalidade, porque sobre elle ser nocivo, o he tambem ao bem publico; e por assim ser, sendo o Imperador Tiberio muy amigo de fazer bem a todos, e em especial com discreta liberalidade ajudava aquelles, que padeciaõ necessidades sem culpa sua, como são os que vivem pobres, porque lhes não coube por sorte o serem ricos, com tudo em sabendo, que algum Senador, ou Ministro era prodigo, logo o deitava do Senado, e o desterrava da Cidade, como indigno de viver entre homens de razão, quem sem ella destruhia o que tinha.

L I Ç A M XV.

Da Paciencia.

Somos chegados à virtude da Paciencia, parte da Fortaleza; esta define Tullio: *Huma volun-*

taria, e diuturna posse de cousas arduas, e difficultosas por causa da bonestidade; e Santo Agostinho: Huma virtude, com aqual sofremos com igual animo os males, para que não desesperemos dos bens: outros a difinem: Hum sofrimento voluntario, e bem ordenado da sem razão, conhecida sem animo de vingança. E com estas palavras se distingue a verdadeira paciencia do sofrimento dos loucos, e dos animais, que não conhecem a sem razão, e se chama Ignorancia: do sofrimento do traydor, que guarda a vingança para seu tempo, e se chama Dissimulação: do sofrimento dos nobres, que desprezaõ as injurias dos villaõs, como indignas de suas iras, e se chama Magnanimidade: do sofrimento dos que resistem às injurias dos tempos, e padecem os trabalhos, e feridas das guerras, e se chama Constancia: e do sofrimento dos agravos, que os Reys fazem a seus Vassallos, os Principes a seus subditos, e os amos a seus criados, e se chama Tolerancia: de cada hum das quais trataremos em sua particular Lição, para melhor instruirmos o nosso Ministro; e nesta só fallaremos da virtude da paciencia, tomada em geral significado, que comprehende todas as suas partes referidas.

Grande, e principal he entre as virtudes a paciencia, louvada igualmente com grandes encomios pelas vozes dos Philosophos, Oradores, e Povo. Grandes são os efeitos desta virtude; e por esta razão nos dilataremos em procuralla estampar no coração do nosso Ministro, que entre todos necessita mais della, como ultima mão, e coroa de todas as virtudes, como lhe chama *Santiago in sua Can. cap. 1. n. 4.*

Sabe pois, Ministro, que de tres modos, conforme São Gregorio na *Homilia 5. sobre o Evangelho Cum audieritis praelia*, se exercita esta virtude: nas adversidades, que vem da mão

de Deos; nas perseguições, danos, e enfermidades, que nos nascem do proximo; nas tentações de nosso antigo adversario; e em todos estes modos te debes vigiar a ti mesmo com vigilante cuidado, para que nem contra os castigos de Deos rompas em murmurações, nem conta os males do proximo te arrojes à vingança, nem te deixes vencer do inimigo por obra, contentamento, e consentimento; e para isto te daremos brevemente nesta Lição alguns documentos, de que te debes valler, se queres fahir sempre vencedor; e para melhor nos explicar-mos, e tu melhor o entenderes, vamos por partes, porque segundo Seneca, pelas partes se chega mais facilmente ao conhecimento do todo: *Facilius per partes in cognitionem totius adducimur.*

*Si quanta eterna sunt vitæ præmia volvis,
Omnia pro Christo perpatiere libens.*

E por esta razão lhas pedia antigamente o seu Povo, como se lê no *cap. 7. de Judith*; e *David no 2. Ps. Penitencial* diz, que Deos, que na vida nos envia palmadas de sua mão, he para que vomitemos o peccado, para que não nos affogue na morte; e no *Ps. 4.* diz: *Porque o humilhou, lhe fez hum grande bem.*

Ordinario he em os homens, esquecerem-se de Deos nas prosperidades, ingratos aos beneficios, que de sua liberal mão receberão; mas mais ordinario he em Deos, o despertar aos homens deste lethargo, para que senão percaõ, descarregando sobre

*Excitat ira hebetem, motam patientia mentem
Sedat, ut inde ignem temperat, ignis aqua.*

E se achares, que a tua vida te não tem feito reo, alegrate com os trabalhos, pois com elles costuma Deos provar os seus escolhidos, porque escreve *David no Ps. 4.*, que os jus-

Nos trabalhos, e tribulações, que te vierem da mão de Deos; considera, e examina a tua consciencia, e se achares que são justo castigo de tuas culpas, arma-te de paciencia, e considera, que merecidamente padeces, porque offendeste a teu Criador, e alegrate de que nesta vida te tome a satisfação de seus aggravos; porque se consideras o quanto breves são as penalidades desta vida, conferidas com as da eterna, por certo que desejarás de boa vontade padecer estas, que te affligem temporalmente, por evitar aquellas, que eternamente atormentaõ, como ponderou *Wem*; e muito mais se attentas aos eternos premios, que te esperaõ por remuneração de tão limitadas penas, como escreveo o mesmo:

elles o golpe de seu poderoso braço, para que se lembrem; porque como diz o Propheta *Jonathas no cap. 2.* não se lembraõ os homens de Deos, senão nos trabalhos; e o sentencioso Seneca escreve, que mais louvaõ a Deos os perseguidos dos trabalhos, que os favorecidos da fortuna: *Magis Deos miseri, quam beati colent.* São os trabalhos excitamento do animo adormecido no regaço das felicidades; porém sofridos com paciencia, são muito mais leves ao sofrimento, e mais incitativos do premio, como cantou *Wem*:

tos padecem muitas tribulações. Assim como a bondade do ouro se prova no fogo, assim a virtude do Justo se experimenta no trabalho, escreve *Wem*:

*Quod fornax auro facit, hoc tribulatio iustis;
Rebus in adversis certa probanda fides.*

Confidera, que esta vida he caminho para a nossa Patria, e por isso nella fomos trilhados, e perseguidos dos trabalhos, para que não deixemos a Patria pelo caminho. Costumê he dos que caminhaõ por alegres, e amenos Paizes, deter-se nelles, convidados de sua alegria, e amenidade, e deixarem de continuar a jornada direita, por se lograrem das apparentes delicias; incon-

veniente a que acode Deos aos seus escolhidos, fazendo-lhes aspera a jornada, para que se lembrem de chegar à Patria; e por isso aconselha Wem, que todos os trabalhos, que nos combatem, devemos sofrer com paciencia, e tolerancia, porque vem da mão de Deos, que os envia sempre para nosso proveito:

*Quod tibi contigerit, patienter ferre memento;
Nam certum fieri numine cuncta Dei.*

Ha-se Deos com os homens, como o Medico com os enfermos. Não duvida o Medico, que ao enfermo deplorado se lhe dê tudo o que appetecer, nem permite, que ao enfermo, de cuja saude ainda tem esperança; se lhe conceda o que quer: assim Deos dá com larga mão abundancia de tudo aos reprobos, para que nesta vida recebaõ o premio de alguma obra boa que fizeram, e tira aos predestinados os bens temporais, reservando-lhe o premio de suas boas obras para a outra vida, para que nesta senaõ esqueçaõ della. Agora se castiga o justo, porque como filho, se prepara do patrimonio da eterna herança; mas o injusto, como corre à merecida morte, usa agora livremente de seus desejos. Os novilhos, que se destinaõ para se matarem, se deixaõ pastar em os livres pastos, e os

que se querem para o trabalho, se opprimem com o jugo. Não se nega quanto pede o enfermo deplorado; não se dá quanto deseja o enfermo, de quem se espera saude.

Com as mesmas consideraçoes te podes armar de paciencia na perda dos filhos, mulher, e amigos; e se ellas não bastaõ, tens perdido o juizo; porque he querer que dependa de ti absolutamente, o que de ti nada depende. Grande ignorancia he querer, que não morra o que he mortal, quando o mesmo marmore vem finalmente a fenecer, como elegantemente cantou Ansonio, quando disse: *Que admiração nos pôde causar o ver morrer homens mortais, quando os mesmos marmores senaõ isentaõ de pagarem o mesmo tributo ao curso dos annos?*

*Miramur periisse homines, momenta fatiscunt,
Mors etiam saxi, hominibusque venit.*

Porém mayor ignorancia argue o desejo; porque a não ha mayor, que desejar hum impossivel; razão porque aconselha Seneca, que senaõ dese-

jem impossiveis: *Impossibiles ne desideres;* e Wem pergunta a razão, que pôde haver dara a máy perder com dor o filho, que com dor pario:

*Sublatum natum quare fies, cumque dolore
Perdis eum, quem non absque dolore pars?*

Permitti-

Permittido te he amar a teus filhos, mulher, e amigos; porque para que os gozes, te foraõ dados por Deos; mas com condiçaõ de os restituïres ao beneplacito de quem tos deu; e se a isto contradizes, culpa teu engano, e naõ a morte; porque, que nõvidade

te pòde causar a morte, que a todas as horas vês bater à tua porta, e dos teus vifinhos? Donde com justa razaõ reprehende Wem aos que ouvindo o nome da morte, mudaõ de cores, no Epigramma seguinte:

*Qui subitò palles, audito nomine mertis,
An tibi res nova mors? Unde repentè metus?*

Pela opiniaõ, que temos das coufas, que naõ nos tocaõ podemos conhecer o que deseja a natureza dellas; quando o criado de teu vifinho quebra hum vidro, dizes, que aquillo succede ordinariamente; da mesma maneira te debes portar, quando o teu criado te quebra o teu vidro. Quando o filho, mulher, e amigo do vifinho morre, dizes, que isto he natural; porèm quando a ti te succede tal accidente, desesperado gritas, dizendo, que es desgraçado, e miseravel, devendo neste successo lembra-te do que dizias, quando a outro lhe acontecia o mesmo.

O verdadeiro meyo de naõ estar fugeito à turbaçaõ, he considerar as

*Naturæ natura, Deus bone, cum mihi posse
Vivere substuleris: da mihi velle mori.*

Profeguindo a mesma conformidade com D. Francisco de la Torre, que traduzindo, e addicionando este Epigramma, diz assim:

Buen Diòs, por naturaleza
Propicio a la mia siempre,
Quando no quieras mi vida,
Has, que yo quiera mi muerte.

*Seu mortis venit, seu nondum venerit hora;
Culpa est velle mori; culpaque nolle mori.*

Que traduzindo, e addicionando, adiantou D. Francisco de la Torre na maneira seguinte:

coufas, que saõ, ou do nosso gofio, ou da nossa utilidade, ou daquelles, que amamos, como ellas saõ em si; quando menêas huma panella de barro, cuida, que he hum pedaço de terra, que pode quebrar facilmente; porque havendo feito esta reflexaõ, naõ te causará alteraçaõ, se acaso se quebrar depois. Assim mesmo se amas a teus filhos, mulher, e amigos, lembra-te, que he mortal o que amas, para com este meyo te aliviãres quando a morte os arrebate.

Com as mesmas podes armarte de paciencia na perda da faude, dizendo com Wem no liv. 3. Epigramma 127.

El no querer vivir, quando
Diòs, que yo no viva quiere,
Es, con resignado impulso,
Querer vivir para siempre.

E no evidente perigo da vida, conformando-te com a vontade de quem ta deu dizendo com Wem lib. 2. Epigram. 104.

De la inevitable muerte
Venga, ò no la hora cruel,
Es culpa el querer morir,
Y el no quererlo, es tambien.

Defes-

Desesperado error de antojo fiero
 El querer-me morir, quando yo
 quiero,
 Y resignada prevencion se infiere
 El quererme morir quando Diòs
 quiere;
 Mi vida, y muerte [pues quede of-
 frecida,

A quien puede offrecer-me o muerte,
 o vida.

E se ellas naõ bastaõ, tens perdido o
 juizo; porque queres que a faude, e
 a morte sejaõ exoraveis, e queres o
 que naõ pôde fer:

*Vivere te semper velles; tu vivere semper
 Non potes: at semper vivere velle potes.*

Se vives triste, e miseravel, para que
 desejas a vida, se com ella poens fins
 às miserias? E por isso Wem fallan-

do com hum desgraçado, que deseja-
 va a vida, diz assim:

*At cum tu miserè vivas: ego nescio, quare
 Velle licet possis, vivere posse vellis:
 Vivere quisque diu, quanvis egenus, & æger
 Optat, idest, miserum se cupit esse diu.
 Invitus moritur miser, & miserabilis Irus:
 Hoc est invitus desinit esse miser.*

Se quando nasceste, choraste por ha-
 ver nascido, como choras o verte em

perigo de perder aquella vida, que in-
 voluntario recebeste?

*Plorabas cum natus eras, fuit ergo voluptas
 Nulla tibi nascendi, cur dolet ergo mori?*

Diz Laercio no liv. 2. da vida dos Phi-
 losophos, que Sócrates, e Anaxago-
 ras, quando lhe notificaraõ a senten-
 ça da morte, responderaõ com admi-
 ravel paciencia, que a elles, e aos seus
 Juizes lhes tinha já a mesma natureza
 intimado aquella sentença no mesmo
 instante, em que receberaõ a vida, que

naõ temiaõ perder; porque se a mor-
 te era formidavel aos máos, porque
 punha principio a outro mayor mal,
 era agradavel aos bons, porque punha
 fim aos males mundanos, e dava prin-
 cipio aos bens eternos; e isto mesmo
 disse Wem nos Epigrammas seguin-
 tes:

*Qui benè præteritis sine labe peregerit annos,
 Nec borret mortis vulnera dira pati.
 Formidanda malis sequitur quam pæna perennis,
 At contra felix mors solet esse bonis.
 Mors vitanda malo, sancto invitanda, malorum,
 Ultimus est finis, vel sine fine malum.*

Grande ignorancia argue o querer evi-
 tar os infortunios inevitaveis, e o to-
 lerallos, grande constancia; e por isso
 disse Quintiliano, que se deve soffrer
 o que senaõ pôde evitar: *Ferendum est*

quidquid vitari non potest. De que te
 serve fugir do que naõ podes fugir?
 De que te serve soffrer com impacien-
 cia o que podes tolerar com genero-
 sidade? De que te serve temer a en-
 fermidade,

fermidade, se a faude não está em tua mão? De que te serve sentir a morte, se he pensão inevitavel da vida? De que te serve aborrecer a pobreza, se não estás seguro de não cahir nella? Eya, deixa estas fãlças opiniões, aspira à perfeita paciencia. Elpera com paciencia, e sofre com valor, serás dono da fortuna. Conserva a faude quando a tens, e aceita a enfermidade quando

Mortuus ut vivas, vivus moriaris oportet;

Assuescere ergo priusquam moriari, mori.

Naõ he a mais ditosa vida a mais larga, senão a melhor vida, a morte para todos he a mesma, porém não a vida. O premio não se dá à vida, senão às obras. Que aproveita huma vida larga sem emenda? Basta viver pouco, se

vem. Sabe ser rico, como se houveras de ser pobre; e sabe ser pobre sem desejos de ser rico. Naõ temas a morte, nem a desejes, mas vive de tal forte aparelhado para morrer, que vivendo sejas já morto para a culpa, e só vivas para a graça; que isto he o em que vem a concluir o seguinte Epigramma de Wem:

vives bem para morrer bem; porque tal ha de ser a tua morte, qual for a tua vida; e se esta for isenta de toda a culpa, será aquella principio de toda a felicidade, como bem ponderou Wem, quando escreveo:

Optima tunc mors est, cum vita est criminis expers,

Mors felix vita est, cum tibi chara magis.

E por isso dizia Pio II. que o morrer aos bons era doce, e amargo aos máos; e que valia mais morrer bem, que viver mal.

Das mesmas te podes armar na perda dos bens; porque ainda que a

Sobria paupertas multorum causa bonorum est;

Hanc tamen, ut pestim, plurima turba fugit.

E se ellas não bastaõ, tens perdido a razaõ, porque pertendes, que os bens temporais, que não tem mais ser que a sombra, e fumo, como disse Esquillo, e Sóphocles, sejaõ permanentes. Nunca digas, que has perdido alguma cousa, senão dize sempre, que a has restituído; e assim quando perderes os filhos, mulher, parentes, e bens, não digas q' o has perdido, mas restituído a Deos, que tos havia emprestado; para o que convem, que em quanto logras estas cousas, as tenhas por estrangeiras, não fazendo mais caso dellas, que o caminhante faz da pouxada em que se aloja.

pobreza se repete como peste, he com tudo huma pobreza virtuosa, causa de muitos bens, como disse o Poeta acima referido no Epigramma, que se segue:

Doutrina he de Horacio de *Arte Poetica*, que nada ha eterno debaixo do Sol; e a experiencia nolo ensina; senão dizeme: que he feito daquelles quatro Imperios, que mereceraõ nas letras Divinas Sagrada memoria, dos Gregos, dos Perlas, Chaldéos, e Romanos? Que he feito de seus Imperadores, e Tyrannos? Que he feito dos Davis, Josues, Machabéos, Cesares, Alexandres, Heitores, Carlos, Gothofredos, Artures, Fernandos, Afonsos, Artaxerxes, Mahometes, Sultuens, e Saladinos? Que se ha feito dos Martes, Hercules, Sansoens, Goliath, Anobias, Cides, Scipioens, Pirrhos

rhos, Leivas, Cordovas, Albuquerque, Ataides, Castros, Almeidas, Meneses, Mascarenhas, Soufas, e Gamas? Que se ha feito dos Cleóbulos, Bias, Periandros, Estagyristas, Sócrates, Platoens? Que se ha feito dos Homéres, Virgílios, Menandros, Ovidios, Camoens, Gongoras, Tassios, Marciais? Que se ha feito dos Galenos, Hypocrates? Que se ha feito dos Senecas, Plutarchos, e Catoens? Que se ha feito dos Ciceros, Quintilianos, e Demósthènes? Adonde estão os triumphos gloriosos, os Obeliscos, Pyramides, Trophéos, Templos Ephesinos, Muros de Babel, Colóssos, Mausoléos, Termas, Theatros, Cercos, Palacios, Amphiteathros, e Colisseos; e aonde seus donos, naquelles tempos aflombros do mundo? Tudo está ren-

dido à forte bateria do tempo, que irado da falta do nosso conhecimento, nos dá a conhecer a todos o nosso engano, mostrando-nos a seus pés rendidas as forças de tantos Hercules, a sabedoria, e eloquencia de tantos Mercurios, a formosura, a pompa, a vaidade do mundo, que a seu pezar confessa seu dominio. As Estatuas, Columnas, Marmores, pyramides, se publicaõ despojos da sua ira, e os que hontem foraõ sumptuosos, e soberbos edificios, hoje a penas são memoria de sua propria ruina; porque o variar dos tempos, das cousas, dos animos, em as idades, em os Imperios, nada promettem duravel, tudo assegura o caduco, porq̃ tudo com o tempo se acaba, tudo com a idade se envelhece, como cantou a Musa Ingleza:

Tempus edax rerum, nos & terit omnia tempus;
Nos terimus tempus, jam sumus ergo pares.

Isto mesmo, que tens visto em o passado, he o mesmo, que estás vendo de presente; porque a idade de agora he semelhante à passada, como escreve Tullio: e o mesmo experimentarás no futuro, porque o tempo futuro ha de ter as condiçoẽs do presente: *Ætas posterior priori similis*; nem ha cousa nova em todo o criado: nada foy, nada he, nada ha de ser; porque he só o que he; e o ser humano não tem mais ser, que não ser; e se tem algum ser, he o ser tudo vaidade com vaidade de vaidade, e tudo vaidade, como disse o *Espirito Santo* no *cap. 1. do Ecclesiast.* Prova-o, diz o Sabio, porque depois de muy cançados os homens pelas cousas da terra, no cabo se achão com as mãos valias como d'antes: verdade, cuja luz chegou a alcançar hum cego pela falta da verdadeira luz da Fé, Saladino, que mandava levar por todos seus numerosos exercitos huma mortalha nas mãos de hum pregoeiro, que dizia: *Eis aqui o que de todas as riquezas, e grandezas deste mundo ha*

de só levar Saladino, Rey de Syria, e de Egypto; e para mostrar, que isto he sempre, e em todos os homens, accrescenta o Sabio: *Passa huma geração, e vem outra, e sempre a terra está da mesma maneira;* que quer dizer: o que deixaraõ os passados, achão os vindouros; da mesma sorte persevera tudo. He o mundo huma comedia ao revez: em as que se representaõ, estão os ouvintes parados, e vão sahindo humas figuras, e entrando outras: a variedade está em a representaçãõ do teatro, e não nos que vem; porém a vida he comedia ao contrario: não se muda o teatro, nem as cousas delle; o que foy, isso será; mas mudaõ-se os que entraõ a gozar do que se representa em este tablado firme da terra; e isso quer dizer o Sabio: *Huma geração passou, e outra chega; a terra com tudo está firme.* E essas geraçoens, que passaraõ, poem por testemunhas, de que tudo o que se representa neste teatro, são figuras fantasticas, que não tem o ser que moftraõ: